

**COMPLEXO
CULTURAL
MA
CA
BÓ
QUEI
RA**

ANA CAROLINA BATISTA LIMA

**TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L696c Lima, Ana Carolina Batista.
 Complexo Cultural Macaboqueira / Ana Carolina Batista Lima. – 2017.
 130 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fortaleza, 2017.
Orientação: Prof. Dr. Romeu Duarte Junior.

1. Complexo Cultural. 2. Macaboqueira. 3. Granja. 4. Centro Cultural. I. Título.

CDD 720

**COMPLEXO
CULTURAL**
**MA
CA
BÓ
QUEI
RA**

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. ROMEU DUARTE JUNIOR
ORIENTADOR DAU-UFC

PROF. DR. RICARDO ALEXANDRE PAIVA
PROFESSOR CONVIDADO DAU-UFC

CRISTIANE DE ARAÚJO ALVES SIQUEIRA
(TRÍADE ARQUITETURA)
ARQUITETA CONVIDADA

FORTALEZA, 10 DE FEVEREIRO DE 2017

A GRA DECI MEN TOS

A Deus, porque sem acreditar na força Dele, não teria conseguido alcançar mais essa etapa na minha vida.

Ao meu avô Antonio Moreira Batista (in memoriam), pelas conversas na calçada cheias de ensinamentos em história e pelo apoio desde o momento em que soube do meu sonho de cursar arquitetura.

Aos meus pais, Paulo e Ana Maria, que sempre acreditaram em mim e investiram na minha educação e não mediram esforços para me ajudar a conquistar qualquer objetivo.

Ao meu irmão, Paulo Vinícius, e a toda minha família, em especial às minhas avós, Miriam e Terezinha e ao meu avô Zé do Rancho (in memoriam).

Ao meu orientador, Romeu Duarte, pelo acompanhamento e ensinamentos essenciais para a realização desse trabalho. E a todos os professores e professoras, que contribuíram para meu crescimento dentro do universo acadêmico, e com os quais tive oportunidade de aprender muito sobre Arquitetura e Urbanismo. Em especial, ao professor Ricardo Paiva, com quem aprendi a importância dos detalhes, na cadeira de Projeto Arquitetônico 2, uma das mais difíceis e gratificantes pra mim.

Aos granjenses Lira Dutra, Maria Ximenes e Marden Sousa pelas conversas, informações, livros e fotografias sobre Granja, que complementaram e enriqueceram esse livro.

Às minhas amigas de faculdade e, principalmente, de vida: Amanda, Debora, Liana, Lívia e Yanna, por todas as inúmeras ajudas em assuntos universitários e pessoais, pela força, amizade e companheirismo de sempre.

Ao meu namorado, Victor, que sempre me apoiou nas decisões e entendeu minha correria nos trabalhos, pelo amor, companheirismo e pelos momentos de felicidade e escape dos estresses e das obrigações.

Aos meus amigos granjenses e sobralenses, em especial à Elis, que desde 2007 me mostra como é bom e raro ter uma amizade tão forte, por toda cumplicidade e todas as acolhidas em Sobral.

Aos meus amigos do grupo GERCON, do qual tive a honra de fazer parte, em especial à minha conterrânea Thaís.

Ao escritório Tríade Arquitetura e às arquitetas Cristiane Alves e Marília Eskinazi, que me acolheram tão bem e me deram a oportunidade do primeiro estágio. E também à Adhara, à Bruna e à Raquel, pela ajuda e amizade no escritório.

À Isabela Castro e ao Renan Marinho pelos serviços de imagens e diagramação, tornando o trabalho mais ágil e com boa qualidade gráfica.

SU MÁ RIO

09

TÓPICO 01 SOBRE O TRABALHO

-
- A) INTRODUÇÃO P.10
 - B) JUSTIFICATIVA P.11
 - C) OBJETIVO GERAL P.12
 - D) OBJETIVOS ESPECÍFICOS P.12
 - E) METODOLOGIA P.13
 - F) RESULTADOS ESPERADOS P.13

53

TÓPICO 04 REFERÊNCIAS PROJETUAIS

-
- A) ECOA E O CARÁTER EDUCATIVO, SOCIAL E CULTURAL P.54
 - B) MUSEU CAIS DO SERTÃO LUIZ GONZAGA E O USO DO COBOGÓ P.56
 - C) AUDITÓRIO IBIRAPUERA E A FLEXIBILIDADE DE DUAS PLATEIAS P.58
 - D) CIDADE DAS ARTES E A MULTIPLICIDADE DE AMBIENTES P.60
 - E) CHRISTCHURCH CENTRAL LIBRARY E A INTEGRAÇÃO COM A PRAÇA P.62

121

TÓPICO 07 CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONCLUSÃO P.123

15

TÓPICO 02 CULTURA, CENTRO CULTURAL E AÇÕES CULTURAIS

- A) CULTURA E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: ECONOMIA CRIATIVA P.16
- B) CENTRO CULTURAL: ORIGENS P.18
- C) CENTRO CULTURAL: CONCEITOS E AÇÕES CULTURAIS P.22

25

TÓPICO 03 SOBRE GRANJA

- A) LOCALIZAÇÃO E HISTÓRIA P.26
- B) ACERVO E PRÁTICAS CULTURAIS EXISTENTES P.36
- C) EQUIPAMENTOS CULTURAIS EXISTENTES P.42
- D) ANÁLISE DA ECONOMIA CRIATIVA DO MUNICÍPIO DE GRANJA P.47

65

TÓPICO 05 SOBRE A ÁREA

- A) TERRENO E ENTORNO P.66
- B) ZONEAMENTO E SISTEMA VIÁRIO P.68
- C) LEGISLAÇÃO P.72

75

TÓPICO 06 SOBRE O PROJETO

- A) PRINCÍPIOS E CONCEITOS DE PROJETO P.66
- B) PROGRAMA DE NECESSIDADES E RELAÇÕES FUNCIONAIS P.68
- C) PROJETO COMPLEXO CULTURAL MACABOQUEIRA P.81
- D) SISTEMA CONSTRUTIVO E MATERIAIS P.114
- E) CONDICIONAMENTO AMBIENTAL P.118

125

[+] APÊNDICE

- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS P.126
- PUBLICAÇÕES DA INTERNET E SITES P.126
- LISTA DE DESENHOS P.127
- LISTA DE FIGURAS P.127
- LISTA DE MAPAS P.129
- LISTA DE TABELAS P.129



▲ FIGURA 1.1

Foto: Marden Sousa.

TÓPICO

01

SOBRE O
TRABALHO

A) INTRODUÇÃO

Este trabalho final de graduação tem como principal objetivo o projeto de um centro cultural na cidade de Granja, interior do Ceará, motivado principalmente pela real necessidade que a cidade tem de um equipamento que conte com a cultura e que dê suporte para as mais variadas atividades culturais.

Granja possui um potencial cultural muito grande, mas a falta de um espaço apropriado não ajuda no desenvolvimento e no melhoramento das atividades. Na cidade, há alguns equipamentos (públicos e outros criados pela própria comunidade) para suprir a necessidade de um centro cultural, mas, ainda assim, são insuficientes.

O centro cultural valorizaria não somente as atividades culturais, mas também os profissionais, os artesãos, uma vez que o “homem que faz as redes de tucum” ou a “mulher que faz as petas” poderiam repassar seus conhecimentos para mais pessoas da comunidade através de oficinas. Com essas oficinas, mais pessoas seriam capacitadas e poderiam usar o aprendizado para gerar renda, para aquecer a economia criativa da cidade.

No decorrer deste trabalho, ficarão mais claras as necessidades da cidade em relação ao equipamento, bem como as vantagens da implantação do mesmo em Granja.

B) JUSTIFICATIVA

Granja é a cidade onde passei minha infância e onde mora minha família. O motivo de tê-la escolhido para situar meu trabalho final foi o contato que eu tenho com a cidade e a percepção das necessidades reais que Granja tem de um equipamento cultural.

O município de Granja é muito conhecido pelas tradições culturais, pelos festejos, pelo artesanato, assim como tantos outros municípios do Ceará. São todos muito ricos culturalmente. Observando isso e conversando com granjenses engajados nesse ramo, percebi que existe uma grande necessidade de um lugar que possa reunir as atividades culturais, bem como ajudar na capacitação das pessoas interessadas e ampliar cada vez mais as possibilidades de melhoria tanto econômica quanto social do município e dos granjenses.

"Acho muito interessante um Centro Cultural com espaços para shows ao ar livre, com teatro, cinema, auditório para reuniões, salas para exposições etc. Acho que a cidade já precisa de um equipamento assim. E não temos um local decente e apropriado para estas atividades, ademais, ele iria contribuir para o desenvolvimento cultural da cidade. Dá pra fazer um anfiteatro, pequenas praças, jardins, salas para oficinas, tudo que já falamos e muito mais... Tenho certeza! E é perfeitamente viável, além de necessário!"

Maria Ximenes, secretária de cultura de Granja e organizadora do Ponto de Cultura

"Muito interessa tomar conhecimento do seu trabalho, cuja proposta é inovadora e necessária. Sou de uma associação cultural e coordenador do Instituto José Xavier (museu e biblioteca). No início do ano, iniciamos um diálogo sobre a necessidade de um centro cultural que denominamos de Centro para Cultura e Cidadania. Chegamos até a visitar um terreno para a construção. Porém, ainda falta a parte técnica (arquitetura) e financeira. Seu trabalho vem a casar

com nosso sonho. Há uma carência de equipamentos culturais na cidade mesmo, observando diversas manifestações culturais através de grupos como capoeira, quadrilhas juninas, bandas de músicas... [...]

Um local com espaço multifuncional (exposição, apresentação), salas para oficinas, cursos, escritório, copa, dois dormitórios (essa é uma necessidade). Observamos que alguns artistas, quando convidados para eventos dos movimentos culturais, não têm onde ficar. Exemplo: nos eventos de capoeira, quando convidamos mestres, não temos um local onde hospedar para uma vivência maior. Temos hospedagem comuns, sem ligações tão fortes com a vivência cultural, então pensamos nessa questão."

Lira Dutra, coordenador do Instituto José Xavier e associado Artgran

Diante desses depoimentos e estudando sobre os espaços culturais que são criados pelas pessoas que se preocupam com a cultura da cidade, como a Casa da Arte e a Biblioteca Comunitária Luz da Sabedoria, que serão abordadas mais a frente, pude perceber o quanto necessária é a implantação de um Complexo Cultural em Granja.

Além desses motivos, uma outra função que um centro cultural pode oferecer é a preservação da história do lugar. Sempre tive um contato com isso por meio do meu avô, que possuía um minimuseu em sua casa, e entendia a importância de se preservar as coisas, a história e o patrimônio. Hoje, a cidade conta com apenas um local de exposições, mas é um espaço reduzido. Então, pensando também na possibilidade da criação desse espaço que contemple exposições temporárias e permanentes sobre a memória de Granja, é que pude notar que um Complexo Cultural atenderia a todas essas necessidades.

C) OBJETIVO GERAL

Elaborar o projeto arquitetônico de um complexo cultural na cidade de Granja, interior do Ceará, que atenda às necessidades do município e que seja um incentivador das práticas culturais já existentes, porém pouco exploradas, permitindo o compartilhamento do conhecimento, a preservação da cultura local e o estímulo do turismo e da economia criativa da cidade.

D) OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar a necessidade de um centro cultural na cidade de Granja.
- Criar um equipamento único, essencial e referencial para Granja que incentive a preservação da cultura da cidade, o acolhimento de novas manifestações e movimentos culturais, o compartilhamento de conhecimentos, a capacitação e o aperfeiçoamento dos aprendizes, e que seja impulsionador da economia criativa e do turismo local.
- Propor um espaço fluido e acessível para todos os públicos, independente de idade ou de condição física e financeira e que forneça estrutura para os mais diversos tipos de atividades culturais, sejam elas em ambientes internos ou externos.
- Projetar uma grande praça que sirva de passagem, de ponto de encontro e que possibilite a prática de inúmeras atividades (cultura, esporte, lazer...).
- Dar apoio a pessoas de outras cidades ou estados que forem à Granja para dar palestras e workshops, fornecendo um pequeno acolhimento com dormitórios e serviço.
- Concentrar os principais acervos culturais da cidade, permitindo maior visibilidade e aproximação para a comunidade.
- Prezar por técnicas construtivas habituais na cidade para diminuir gastos com mão-de-obra externa.

E) METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desse trabalho, foram realizadas várias etapas de pesquisa. Primeiramente, o tema foi definido a partir da análise dos equipamentos ausentes em Granja, aliado à própria experiência da autora com a cidade e aos depoimentos de moradores engajados em projetos culturais, que confirmaram a necessidade do equipamento. Essas pessoas também foram fundamentais para a consolidação do programa de necessidades, pois são os mais próximos da realidade do local e das deficiências do mesmo.

Em um segundo momento, foi feito um estudo acerca do tema em questão, através de uma fundamentação teórica, abordando conceitos mais gerais até chegar no nível municipal. É falado um pouco da história de Granja e sobre as principais manifestações culturais que acontecem na cidade, além de elencados todos os equipamentos que dão suporte a essas manifestações e que suprem, de certa forma, a ausência de um equipamento cultural eficiente.

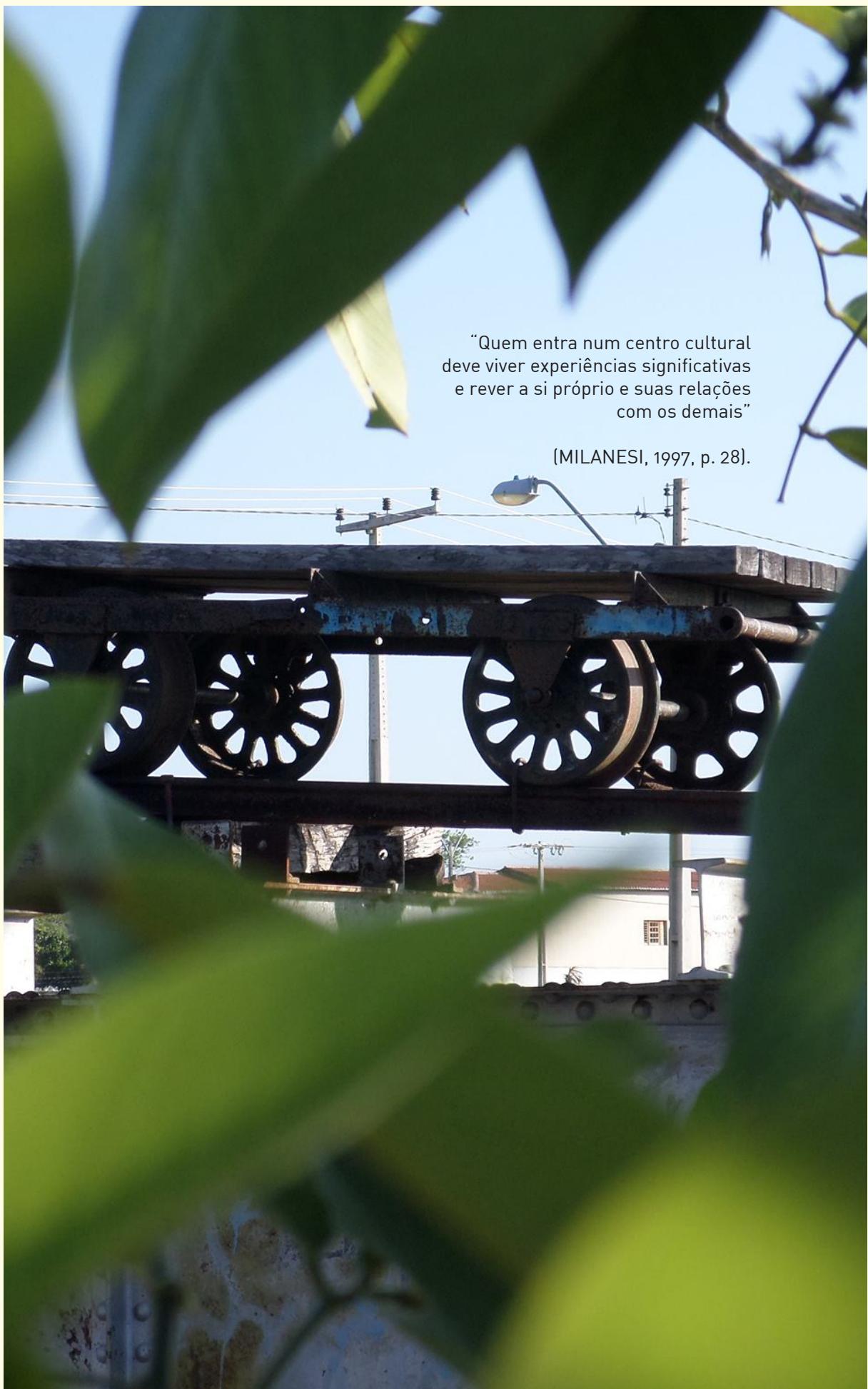
Em seguida, foram estudadas algumas obras arquitetônicas que inspiraram o conceito, a criação e a estética do projeto do centro cultural. E, posteriormente, foi desenvolvido o projeto propriamente dito, por meio de um estudo da área de implantação com base em pesquisas de campo, com ajuda do Google Earth e do Plano Diretor Participativo da cidade de Granja.

Após essa pesquisa, tem-se o produto final, o Complexo Cultural Macabqueira, representado aqui em plantas baixas, cortes, fachadas e imagens renderizadas para uma melhor compreensão dos materiais, do projeto e de como ele se insere na cidade.

F) RESULTADOS ESPERADOS

O resultado principal desse trabalho é o projeto de um centro cultural em Granja, de nome Complexo Cultural Macabqueira, que consiste em um espaço com oficinas, estúdios, biblioteca, exposições, salas de ensaio, teatro, auditório, dentre outros, pensados para serem flexíveis e acessíveis e integrados com uma grande área de praça.

Espera-se que o projeto atenda bem ao programa de necessidades e, consequentemente, às necessidades da cidade de Granja.



“Quem entra num centro cultural
deve viver experiências significativas
e rever a si próprio e suas relações
com os demais”

(MILANESI, 1997, p. 28).

▲ FIGURA 2.1

Foto: Marden Sousa.

TÓPICO

02

CULTURA,
CENTRO CULTURAL
E AÇÕES
CULTURAIS

A) CULTURA E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: ECONOMIA CRIATIVA

De forma geral, o termo “cultura” é um conceito de difícil definição. Várias abordagens têm sido usadas (não sem conflito) na tentativa de construir um conceito fundamentado e válido de cultura.

“Cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar. Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente às manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. Outras vezes, ao se falar na cultura da nossa época ela é quase que identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema, a televisão. Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida, a seu idioma. A lista pode ser ampliada.”

Já eu tenho falado de cultura de maneira mais genérica, preocupado com tudo o que caracteriza uma população humana. Não há por que nos confundirmos com tanta variação de significado. O que importa é que pensemos sobre os motivos de tanta variação, que localizemos as ideias e temas principais sobre os quais elas se sustentam. (SANTOS, 1983, p. 21)

Segundo Santos, há duas concepções básicas de cultura. A primeira preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social, ou seja, cultura como tudo aquilo que caracteriza a existência de um povo ou de grupos no interior dele.

“Embora essa concepção de cultura possa ser usada de modo genérico, ela é mais usual quando se fala de povos e de realidades sociais bem diferentes das nossas, com os quais partilhamos de poucas características em comum, seja na organização da sociedade, na forma de produzir o necessário para a sobrevivência ou nas maneiras de ver o mundo”. (SANTOS, 1983, p. 24)

A segunda concepção refere-se à cultura como conjunto de conhecimentos, crenças, ideias e como isso existe na vida social. Nessa concepção há uma ênfase especial no conhecimento e um domínio da vida social.

“De acordo com esta segunda concepção, quando falarmos em cultura francesa poderemos estar fazendo referência à língua francesa, à sua literatura, ao conhecimento filosófico, científico e artístico produzidos na França e às instituições mais de perto associadas a eles.” (SANTOS, 1983, p.25)

Semelhante a esse pensamento, encontramos em relatórios publicados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) que a cultura engloba não somente as artes e a literatura, mas também os modos de vida, os sistemas de valores, as tradições e crenças e os direitos fundamentais do ser humano, constituindo-se num conjunto de atributos simbólicos e materiais que caracterizam um grupo social. Este conceito se apresenta como mais abrangente e funcional e tem sido incorporado por diversos organismos ao redor do mundo.

Em termos de relações econômicas, a cultura passa a ser enxergada como fator econômico, em decorrência do aumento da importância das indústrias culturais nas sociedades contemporâneas. Nesse contexto, insere-se também o potencial que as atividades culturais (como produções artísticas e manifestações folclóricas) têm de promover inserção social e gerar emprego e renda. Essa nova centralidade econômica da cultura impõe aos poderes locais interessados no desenvolvimento uma nova agenda, que vai além das políticas tradicionais de conservação do patrimônio, formação de plateias ou incentivo a eventos. No centro desta nova agenda, está a economia criativa.

A economia criativa incorpora um conjunto de atividades que têm como principais fatores o talento, a criatividade e a habilidade individual e cujos produtos geram trabalho e renda. Assim, estão incluídas tanto atividades do setor de cultura, moda, design, música e artesanato,

quanto do setor de tecnologia e inovação, como o desenvolvimento de softwares, jogos eletrônicos e aparelhos de celular. Também estão incluídas as atividades de televisão, rádio, cinema e fotografia, além da expansão dos diferentes usos da internet, por exemplo.

No Brasil, os debates acerca da economia criativa são recentes ainda. Apesar de ser reconhecido mundialmente pela sua diversidade cultural e potencial criativo, o Brasil não se destaca nas pesquisas internacionais entre os 10 primeiros países em desenvolvimento produtores e exportadores de bens e serviços criativos.

No intuito de transformar essa situação, surge a Secretaria da Economia Criativa (SEC-MinC). Segundo a definição adotada pelo governo brasileiro, a economia criativa compreende as dinâmicas de trocas culturais, sociais e econômicas construídas a partir da realização do ciclo de criação, produção, distribuição/circulação/difusão e consumo/fruição de bens e serviços. Nesse mesmo quadro de definições conceituais, os setores criativos, objeto das políticas de economia criativa, são definidos pelo Ministério da Cultura como sendo aqueles cujas atividades produtivas têm como processo principal um ato criativo gerador de valor simbólico, elemento central da formação do preço, e que resulta em produção de riqueza cultural e econômica.

Assim, foram estabelecidos três setores da economia criativa: as expressões culturais (artes visuais, manifestações populares e artes performáticas); as indústrias criativas (audiovisual, produção de conteúdos, publicações e mídias impressas) e; as criações funcionais (serviços criativos ligados ao design, arquitetura, publicidade, etc.).

No entanto, para que a economia criativa seja efetivamente assumida como política de desenvolvimento do Brasil há ainda uma série de desafios a serem vencidos, como o levantamento de informações e dados sobre a economia criativa brasileira; a educação para competências criativas; a articulação e estímulo ao fomento de empreendimentos criativos; a infraestrutura

para criação, produção, circulação/distribuição e consumo/fruição de bens e serviços criativos e a criação/adequação de marcos legais para os setores criativos. A economia criativa brasileira precisa transpassar a dimensão do debate político e constituir-se em um campo efetivo de práticas. Dessa forma, mobilizando os recursos necessários, sejam eles humanos, simbólicos, financeiros, tecnológicos, este novo modelo de economia cumprirá seu papel gerador de desenvolvimento socioeconômico para o Brasil.

B) CENTRO CULTURAL: ORIGENS

Os estudos sobre as origens dos centros culturais ainda se encontram no nível da especulação histórica, com teorias que remontam à Biblioteca de Alexandria ou mesmo à Agora, na Grécia Antiga.

"Provavelmente, discutia-se cultura na Biblioteca de Alexandria. Sempre houve um espaço para armazenar as ideias, quer registradas em argila, papiro, pergaminho, papel ou cd-rom. Da mesma forma, o homem nunca deixou de reservar áreas para trocar idéias. Por uma convergência de fácil explicação, área para armazenar documentos e para discutir, inclusive discuti-los, passou a ser a mesma. Por isso, a Biblioteca de Alexandria pode ser caracterizada como o mais nítido e antigo centro de Cultura". (MILANESI, 1997, p.77)

Contudo, alguns estudiosos defendem que o Centro Cultural Georges-Pompidou (Centre National d'Arte et de Culture Georges-Pompidou, inaugurado em 1975 em Paris e mais conhecido como Beaubourg) tenha sido a principal influência para a construção e desenvolvimento de vários centros culturais pelo mundo, inclusive no Brasil.

No Brasil, a história dos centros de cultura é mais recente, embora já houvesse o interesse nestes centros desde a década de 60, quando Josué Montello, jornalista, professor e escritor brasileiro propunha a criação de Casas de Cultura no Brasil (durante o governo do presidente Juscelino Kubitschek) e também durante o governo Médici, através do Programa de Ação Cultural do MEC de 1973. Contudo, segundo Teixeira Coelho (1997), os primeiros centros de cultura brasileiros surgiram apenas na década de 80, na cidade de São Paulo, financiados pelo Estado: o Centro Cultural do Jabaquara e o Centro Cultural São Paulo. A partir daí, começaram a se difundir pelas cidades do país.

Durante os anos 90, que o Brasil viveu a época de maior desenvolvimento dos centros culturais, com a fundação de dezenas de centros, com destaque para os de iniciativa privada. O grande número de empreendimentos culturais por parte de empresas privadas pode ser explicado, dentre outros fatores, pela política de financiamento à cultura através de incentivos fiscais implementada a partir do final dos anos 80 e seu fortalecimento como política cultural nos anos 90.



▼ FIGURAS 2.2 / 2.3 / 2.4

Centre National d'Arte et de Culture Georges-Pompidou, Paris

Fonte: <http://museums.wanderbat.com/l/720/Centre-Pompidou>

Centro Cultural Jabaquara, São Paulo

Fonte: <http://www.shieh.com.br/CENTRO-CULTURAL-JABAQUARA>

Centro Cultural São Paulo, São Paulo

Fonte: <http://artflorir.com.br/telhado-verde-no-centro-cultural-sao-paulo/>



Assim, os mecanismos de incentivo fiscal beneficiaram a criação de muitos empreendimentos culturais, além de centros de cultura. Dentre aqueles criados durante os anos 90 destacam-se: o Centro Cultural Correios (agosto/1993), no Rio de Janeiro; o Centro Cultural Banco do Nordeste (julho/1998), em Fortaleza; o Centro Cultural FIESP (março /1998), em São Paulo e o Centro Cultural Light (abril/1994), no Rio de Janeiro.

FIGURAS 2.5 / 2.6 / 2.7 / 2.8 ►

Centro Cultural Correios, Rio de Janeiro

Fonte: site dos Correios

Centro Cultural Banco do Nordeste, Fortaleza, Ceará

Fonte: site do Banco do Nordeste

Centro Cultural FIESP, São Paulo

Fonte: site do CIESP

Centro Cultural Light, Rio de Janeiro

Fonte: site do Centro Cultural Light





C) CENTRO CULTURAL: CONCEITOS E AÇÕES CULTURAIS

O centro cultural pode ser definido pelo uso e atividade nele desenvolvidos. São instituições criadas com o objetivo de se produzir, elaborar e disseminar práticas culturais e bens simbólicos, obtendo o status de local privilegiado para práticas informacionais que dão subsídios às ações culturais. Centros culturais são espaços que conservam, difundem as artes e expõem testemunhos materiais produzidos pelo homem. São espaços para se fazer cultura viva, por meio de obra de arte, com informação, em um processo crítico, criativo, provocativo, grupal e dinâmico, através das mais variadas atividades que vão desde uma simples leitura na biblioteca até apresentação de espetáculos.

Para os autores Teixeira Coelho (1997) e Milanesi (1997), os centros devem realizar ações que integrem três campos comuns ao trabalho cultural: criação, circulação e preservação.

A ação cultural pode ser entendida como um “conjunto de procedimentos envolvendo recursos humanos e materiais, que visa pôr em prática os objetivos de uma determinada política cultural. Para efetivar-se, a ação cultural conta com agentes culturais previamente preparados e leva em conta públicos determinados, procurando fazer uma ponte entre esse público e uma obra de cultura ou arte. (...) Sob um ângulo específico, define-se a ação cultural como o processo de criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas e grupos inventem seus próprios fins no universo da cultura”. (COELHO, 1997, p. 32-33)

Para o campo da criação, devem-se

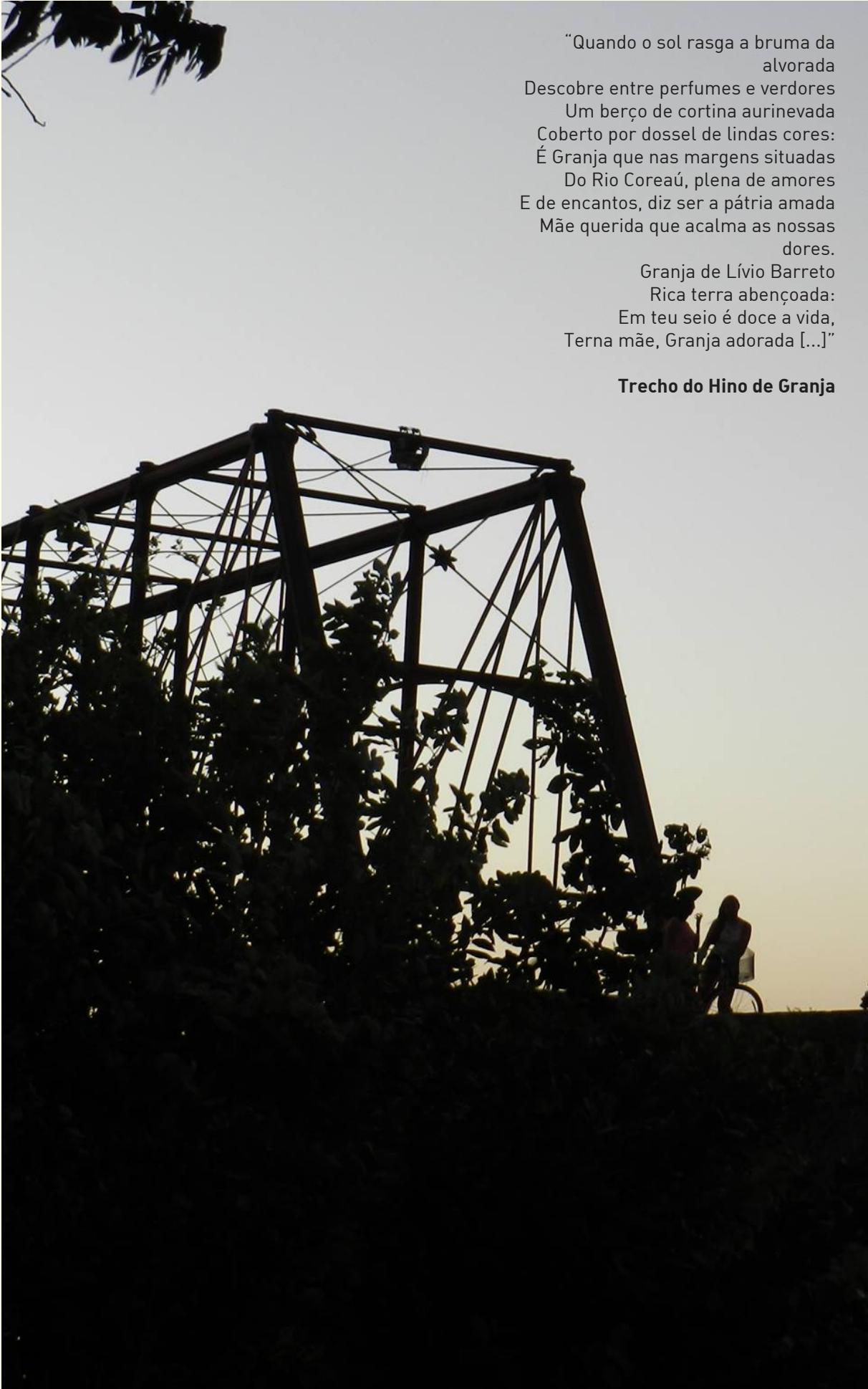
incorporar ações que visam estimular a produção de bens culturais, a partir da promoção de oficinas, cursos e laboratórios e investimento na formação artística e na educação estética, possibilitando o contato sensível com o mundo, a ampliação das percepções e o aprendizado das diferentes formas de expressão artística. Por isso, para Teixeira Coelho (1997), o centro cultural deve ter a responsabilidade de realizar pesquisas relacionadas às modalidades culturais de modo a reunir e disponibilizar conhecimento e informações que possam nutrir os processos criativos e, assim, viabilizar a criação de bens culturais.

Para o campo da circulação, é fundamental que os centros culturais se responsabilizem pela distribuição dos bens culturais e a circulação de informação. Uma vez produzido o bem cultural este deve ser tornado público, através de uma política de eventos que possibilite a participação da sociedade. Para Milanesi (1997), a circulação

do bem cultural e da informação cria novas demandas culturais e informacionais, e esta é uma condição básica do trabalho cultural.

No campo da preservação, destaca-se a importância de preservar o bem cultural que foi criado e tornado público, garantindo a manutenção da memória cultural daquela coletividade. O setor da preservação, portanto, é aquele que se ocupa da seleção de bens a serem preservados e da memória, com todas as questões que a envolvem.

Neste contexto, os centros culturais surgem com o objetivo de: "abrir zonas de desenvolvimento para o indivíduo e sua subjetividade. Esses espaços querem apresentar-se como locais de cultivo e desenvolvimento de um indivíduo que se reconhece e se afirmar enquanto tal, capaz de dispensar as muletas da massa informe, mas também do partido político aglutinante." (COELHO, 1997, p. 34-35)



“Quando o sol rasga a bruma da
alvorada
Descobre entre perfumes e verdores
Um berço de cortina aurinevada
Coberto por dossel de lindas cores:
É Granja que nas margens situadas
Do Rio Coreaú, plena de amores
E de encantos, diz ser a pátria amada
Mãe querida que acalma as nossas
dores.

Granja de Lívio Barreto
Rica terra abençoadas:
Em teu seio é doce a vida,
Terna mãe, Granja adorada [...]”

Trecho do Hino de Granja

▲ FIGURA 3.1

Foto: Marden Sousa.

TÓPICO

03

SOBRE GRANJA

A) LOCALIZAÇÃO E HISTÓRIA

Granja é um município cearense situado próximo ao litoral noroeste a, aproximadamente, 340 quilômetros de Fortaleza. Localiza-se a uma latitude 03°07'13" sul e a uma longitude 40°49'34" oeste, estando a uma altitude de 10 metros.

A cidade faz divisa com as cidades de Bela Cruz, Barroquinha, Camocim, Chaval, Marco, Martinópole, Moraújo, Senador Sá, Tianguá, Uruoca, Viçosa do Ceará (e estado do Piauí). A localização da cidade propicia o contato com alguns pontos turísticos do Ceará e até de outros estados. Em pouco tempo se chega às praias de Camocim, de Jijoca de Jericoacoara ou de Luís Correia, no Piauí; às áreas serranas de Viçosa e Tianguá; ao sertão de Sobral.

De acordo com dados do IBGE (2010), o município de Granja se estende por uma área de 2.663,034 km², apresentando 52.645 habitantes distribuídos em sete distritos: Granja (sede), Parazinho, Timonha, Pessoa Anta, Ibuguaçú, Adrianópolis, Sambaíba.

Granja se tornou cidade em 3 de Novembro de 1854. Anteriormente, quando era só um povoado, tinha o nome de Aldeia de Santa Cruz do Coreaú e depois passou a ser chamada de Macaboqueira ou Macavoqueira (na língua indígena, “terra de caboclos maus”). Daí, vem o nome proposto “Complexo Cultural Macaboqueira”, a fim de fazer um resgate à história da cidade.

“Após o estabelecimento dos indígenas da Serra de D. Simão no povoado, os navegantes e povoadores brancos passaram a chamar esse lugar de Macaboqueira, em alusão aos nativos imigrantes, que aqueles brancos consideravam maus caboclos. Às vezes este topônimo era grafado Macavoqueira.” (XIMENES, 1996, p.46)

Por estar situada entre o mar e o sertão, Granja era e continua sendo (em menor escala) um entreposto comercial de destaque. Em 1879, após a seca de 77, com a construção da via férrea que ligava Sobral a Camocim e da inauguração da estação Ferroviária e da Ponte Metálica sobre o

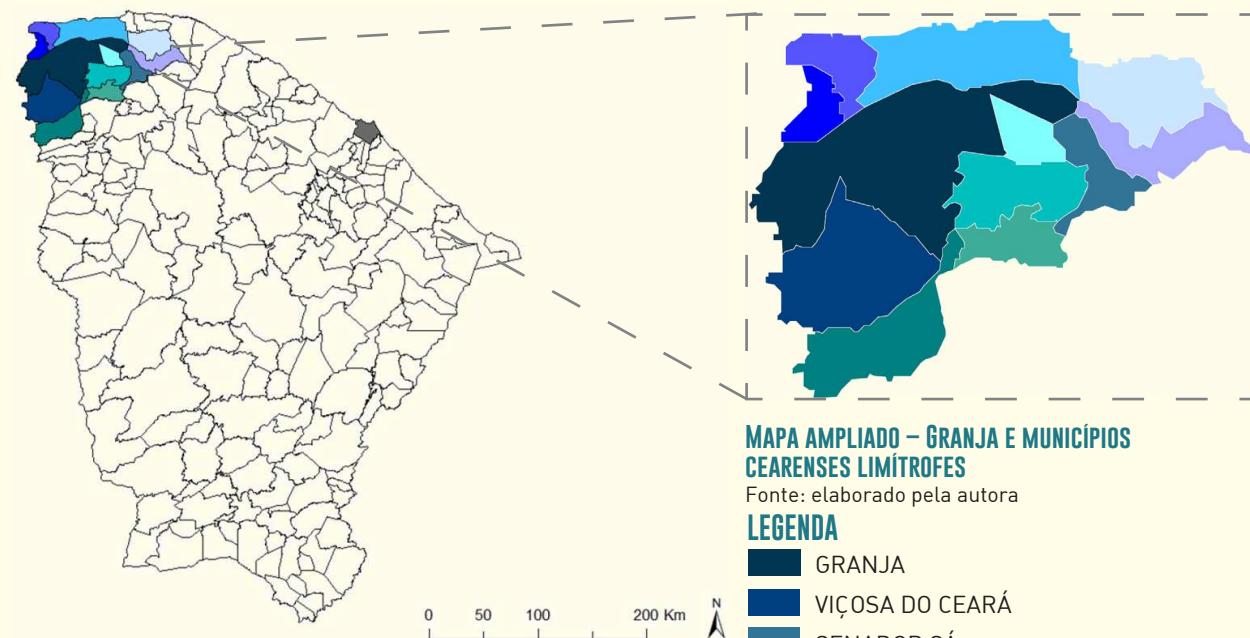
Rio Coreaú em 1881, Granja apresentou um significativo crescimento econômico (pecuária e agricultura) e cultural, possibilitando visitas ilustres na cidade como Conde D’Éu, o sertanista Cândido Mariano da Silva Rondon (Marechal Rondon) e o Príncipe Pedro de Orléans, neto de Dom Pedro II. Contudo, ao longo do século XX, à medida que Fortaleza foi se desenvolvendo, passou a concorrer com outros municípios, enfraquecendo-os economicamente. Devido a isso e a alguns acontecimentos, como a Segunda Guerra Mundial, Granja, que era grande exportadora de cera de carnaúba, teve as exportações afetadas, declinando mais ainda após a desativação do ramal Camocim da antiga Estrada de Ferro de Sobral.

Como podemos observar, historicamente, Granja tem uma representatividade considerável, pois, durante anos, foi influente no Ceará. Contudo, a cidade passou muito tempo estagnada, mas agora o que percebemos é que há cada vez mais vontade de crescimento e de preservação histórica e cultural por parte dos próprios moradores. Isso mostra que o Complexo Cultural seria um forte impulsionador desse desenvolvimento e dessa preocupação em preservar e compartilhar as tradições locais e regionais.

▼ MAPA 3.1

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE GRANJA – MUNICÍPIOS CEARENSES LIMÍTROFES E FORTALEZA

Fonte: <http://www.mapasparacolorir.com.br/mapa/estado/ce/estado-ceara-municipios.jpg> (adaptado pela autora)



MAPA AMPLIADO – GRANJA E MUNICÍPIOS CEARENSES LIMÍTROFES

Fonte: elaborado pela autora

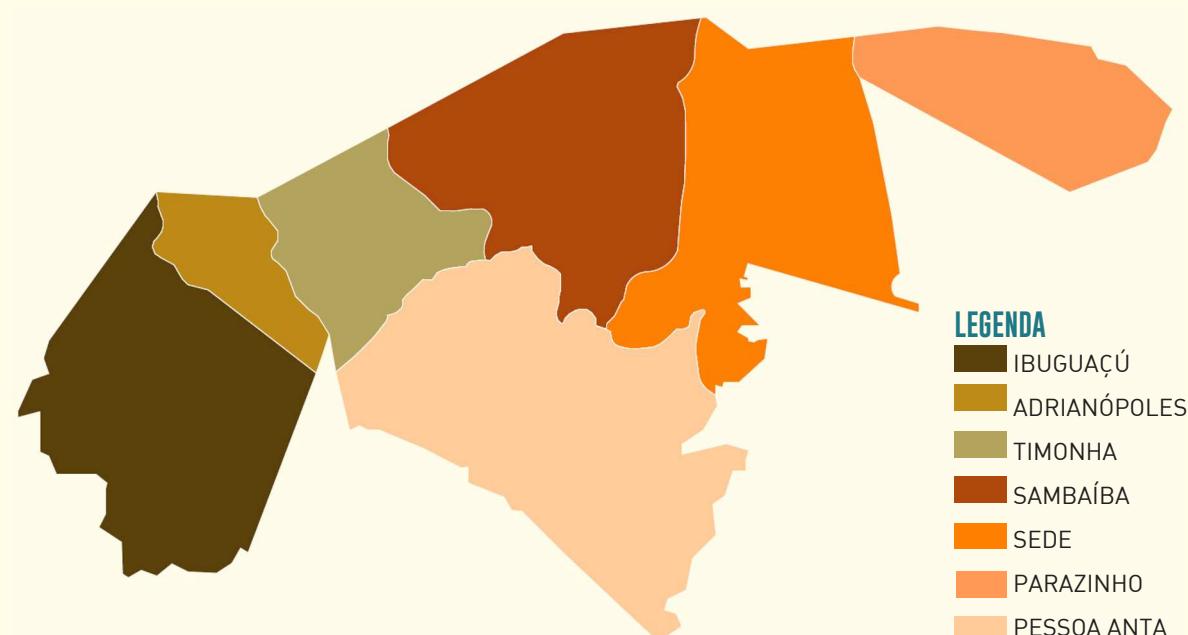
LEGENDA

- GRANJA
- VIÇOSA DO CEARÁ
- SENADOR SÁ
- CHAVAL
- BARROQUINHA
- MARCO
- TIANGUÁ
- MORAÚJO
- URUOCA
- MARTINÓPOLE
- CAMOCIM
- BELA CRUZ
- FORTALEZA

▼ MAPA 3.2

DISTRITOS DO MUNICÍPIO DE GRANJA

Fonte: <http://www.granja.ce.gov.br/mapa/mapa2.php> (adaptado pela autora)



LEGENDA

- IBUGUAÇÚ
- ADRIANÓPOLES
- TIMONHA
- SAMBAÍBA
- SEDE
- PARAZINHO
- PESSOA ANTA





▲ FIGURA 3.2

Ponte Metálica sobre o Rio Coreaú
Fonte: acervo da autora



▲ FIGURA 3.3

Igreja de Santo Antônio
Fonte: acervo da autora



▲ FIGURA 3.4

Casarão dos Gouveia

Fonte: acervo da autora



▲ FIGURA 3.5

Cristo

Fonte: acervo da autora



▲ FIGURA 3.6

Antiga Câmara e Cadeia
Fonte: acervo da autora

▼ FIGURA 3.7

Igreja Matriz São José

Fonte: acervo da autora





B) ACERVO E PRÁTICAS CULTURAIS DA CIDADE

A cidade de Granja apresenta um enorme potencial cultural, mas infelizmente, por não haver um espaço apropriado para o desenvolvimento e crescimento das atividades culturais, acabam sendo pouco influentes.

Como é de costume das cidades do interior do Ceará, Granja possui uma forte cultura religiosa, com manifestações e festejos em várias épocas do ano de acordo com os padroeiros de cada distrito, sendo as mais conhecidas a de São José, padroeiro da sede e a de Nossa Senhora do Livramento, padroeira de Parazinho.

Outras manifestações têm ganhado destaque na cidade, como a encenação da **Paixão de Cristo**, que tem atraído tanto o público local quanto regional e a **Casa do Papai Noel**, que acontece no mesmo local da encenação e caracteriza-se pela decoração natalina de uma casa (a casa do alto ou Ponto de Cultura, como é conhecida) e é aberta ao público para visitação.

Além disso, há o **Festival de Quadrilhas Juninas**, que é uma manifestação incentivada pelo edital “Ceará Junino” da Secretaria de Cultura, do qual Granja participa com o projeto “**Quadrilha Flor da Macaboqueira**”.

“O objetivo deste edital é identificar e difundir as tradições regionais cearenses voltadas para os festejos juninos e está dividido na categoria “Festival de Quadrilhas Juninas”, apoiando eventos com programação cultural fiel às tradições juninas contendo apresentações de quadrilhas juninas - adulta - com casamento, grupo musical regional (sanfona, zabumba, triângulo, pandeiro), quermesse, festival de comidas típicas, feira de artesanato, manifestações artísticas tradicionalmente populares como grupos de dança do coco, bumba-meu-boi, maneiro pau, etc.); e a categoria “Apoio aos Grupos Juninos”, financiando iniciativas que

estimulem e valorizem expressões artísticas e culturais, fomentem o desenvolvimento de grupos de Quadrilhas Juninas e sua rede responsável pela produção de manifestações culturais típicas do período junino em nosso Estado.”

(SECULT, Edital 2016)

Em Granja, um grupo de jovens artistas, que desejavam mudar e valorizar o cenário cultural da cidade, criou uma entidade sem fins lucrativos, a Associação dos Artistas Granjenses (Artgran), com o objetivo de promover a defesa do patrimônio histórico e artístico, impulsionar o desenvolvimento sociocultural através de ações de cultura, esporte e lazer e contribuir com o desenvolvimento socioeconômico no combate à pobreza por meio da economia criativa e da geração de renda. Dentre alguns projetos que o grupo desenvolve, destacam-se a **Feira Literária Granjense**, que objetiva valorizar a literatura brasileira, promovendo o encontro do público com autores locais, regionais e nacionais através de palestras, oficinas, debates e lançamentos de livros, integrando assim, pessoas das diversas áreas de atuação e em todas as faixas etárias.

Outro projeto é a **Casa das Artes**, que surgiu pela necessidade de se criar um espaço cultural em Granja. O projeto incentiva a arte, cultura e cidadania entre crianças, adolescente, jovens e adultos, estimulando a formação de grupos de dança, teatro, música, desenho e literatura.

Além desses, há também a **Biblioteca Comunitária**, que é um projeto desenvolvido por um jovem poeta e professor em parceria com a Associação dos Artistas Granjenses e com o apoio do Instituto José Xavier. O jovem, Pedro Filho, transformou sua casa de taipa, localizada em uma área periférica, em uma biblioteca e lá são feitas rodas de leitura e até apresentações de um grupo de violão. Outras manifestações que a associação impulsiona são oficinas de desenhos, de capoeira e até um grupo de reisado, para preservar a cultura da Folia de Reis, tradicional do Nordeste.

Além das manifestações e dos projetos desenvolvidos, também merecem destaque os pequenos artesãos, as rendeiras, os produtores de rede de tucum, os fabricantes de petas e cajuína. Tais atividades são passadas de geração para geração, mas muitas vezes acabam se perdendo no tempo. A criação de um espaço com oficinas, onde o conhecimento desses profissionais pudesse ser repassado para mais pessoas contribuiria para a preservação dessa cultura, impedindo que ela se acabe ao longo dos anos e também seria um forte gerador de renda, impulsionando a economia e o turismo local.



FIGURAS 3.8 / 3.9 / 3.10 ►

Cantinho de leitura durante Feira Literária Granjense

Fonte: acervo da autora

Workshop sobre “Mercado musical na cidade de Sobral” na Artgran

Fonte: acervo da autora

Casa das Artes

Fonte: blog Artgran



◀ FIGURAS 3.11 / 3.12

Biblioteca Comunitária
Fonte: blog Artgran



FIGURA 3.13 ▲

Bumba-meu-boi de
crianças em apresentação
na rua
Fonte: Lira Dutra



FIGURA 3.14 ►

Grupo de Reisado
Fonte: blog Artgran



▲ FIGURA 3.15

Grupo de capoeira “Cadêncio” em apresentação na
Escola E.F. Dr. José Glauberton
Fonte: Lira Dutra



▲ FIGURAS 3.16 / 3.17

Grupo de Marujada

Fonte: Lira Dutra

Dança do Leruá

Fonte: Lira Dutra

C) EQUIPAMENTOS CULTURAIS EXISTENTES

O município de Granja não possui um espaço exclusivo para o aprendizado e prática de atividades culturais. Contudo, há alguns pontos culturais para atenuar essa necessidade:

▼ MAPA 3.3

MAPA DE GRANJA - EQUIPAMENTOS CULTURAIS EXISTENTES E COMPLEXO CULTURAL MACABOQUEIRA

Fonte: Google Earth adaptado pela autora



LEGENDA

COMPLEXO CULTURAL MACABOQUEIRA

INSTITUTO JOSÉ XAVIER

BIBLIOTECA MUNICIPAL / CASA DE CULTURA

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA LUZ DA SABEDORIA

PONTO DE CULTURA

ESCOLA DE MÚSICA PRIMEIROS ACORDES

INSTITUTO JOSÉ XAVIER

A instituição foi inaugurada em 7 de março de 2004, ano do sesquicentenário de Granja e próximo à data de 101 anos de nascimento de José Xavier, patrono do instituto. Dentre seus objetivos, estão a contribuição para o desenvolvimento e a difusão das culturas humanísticas e científica e a promoção de atividades sociais e educacionais na comunidade.

Alguns de seus objetivos específicos são:

- Conservação de acervos bibliográficos, iconográficos e contábeis de diversas origens;
- Aquisição e conservação de informações da memória viva da comunidade granjense;
- Execução e divulgação de estudos e pesquisas com a promoção de palestras, seminários e cursos para a população em geral;
- Edição de livros, monografias e periódicos que versem sobre os mais diferentes aspectos culturais relacionados com a comunidade de granja;
- Fomento e apoio ao desenvolvimento de meios que preservem e consolidem a cultura granjense em literatura, artes cênicas e audiovisual, assim como de sua identidade através do desenvolvimento de projetos culturais;
- Formação e capacitação profissional e inserção no mercado de trabalho de profissionais da área cultural, seja através de convênios ou servindo

como canal mediador entre ambos, no desenvolvimento e execução dos projetos culturais;

- Desenvolver intercâmbio e /ou atividades conjuntas com outras instituições de desenvolvimento cultural, sejam nacionais ou internacionais, para a operacionalização de atividades comuns e solidificação dos objetos propostos;
- Prestação de serviços de consultoria técnica a instituições públicas e privadas locais, nacionais e internacionais em questões relacionadas aos seus objetos de ação.

(Fonte: panfleto do Instituto José Xavier)

Dentre os projetos desenvolvidos pelo Instituto José Xavier, destacam-se: **Biblioteca Itinerante** (emprestímo de livros a domicílio através da visita de um bolsista); **Cantinho da Leitura** (atividade desenvolvida pela Biblioteca do Instituto J. Xavier em parceria com escolas e grupos/coletivos socioculturais nas comunidades periféricas da cidade destinada a crianças em idade escolar, 7 a 12 anos, com objetivo de estimular a leitura); **Baú da Memória** (atividade de Educação Patrimonial desenvolvida pela equipe do museu do Instituto José Xavier em parceria com professores e entidades educacionais, objetivando a valorização da memória coletiva local através dos objetos, como lamparina, chocalho, tendo como público alvo os estudantes do Ensino Fundamental e Médio); **CineArte** (sessões de filmes no espaço do Instituto, com títulos para todos os públicos, principalmente infantil); **Cinema ao Ar Livre** (filmes de interesse geral são projetados em locais públicos de diferentes bairros da cidade).



▲ FIGURAS 3.18 / 3.19

Instituto José Xavier

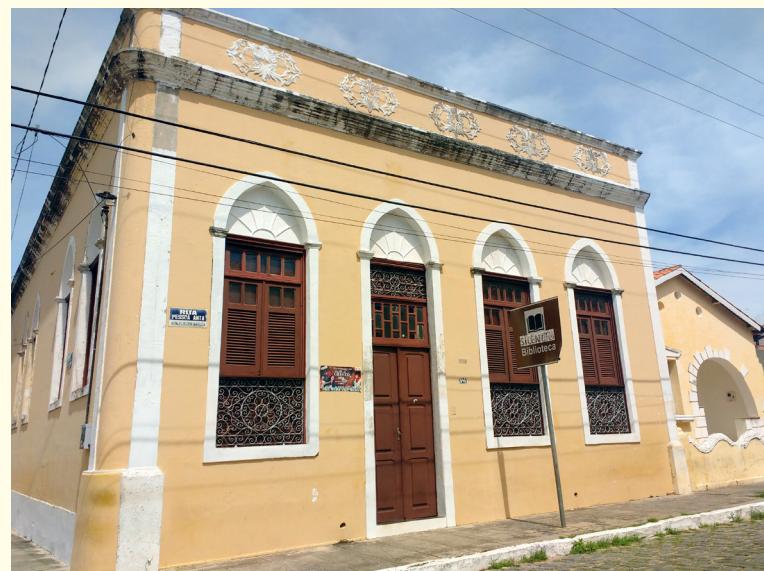
Fonte: acervo da autora

Visitação no Instituto José Xavier

Fonte: Lira Dutra

BIBLIOTECA MUNICIPAL/ CASA DE CULTURA

Localizada em prédio histórico na Rua Pessoa Anta, Centro, abriga a **Secretaria Municipal de Cultura** e a **Biblioteca Pública Lívio Barreto**. São desenvolvidas atividades artísticas culturais como: oficinas de violão, desenho e estimulo a leitura. É uma entidade governamental, nível municipal.



▲ FIGURA 3.20

Biblioteca Municipal

Fonte: acervo da autora

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA LUZ DA SABEDORIA

A biblioteca está localizada no bairro São Pedro, comunidade periférica do bairro Boca do Acre, e funciona na sala da casa de taipa do professor e poeta Pedro Ribeiro Filho com livros organizados em estantes improvisadas de tijolos e tábuas.

O projeto é uma iniciativa do professor Pedro em parceria com a Associação dos Artistas Granjenses e com apoio do Instituto José Xavier, e tem o objetivo de estimular a leitura e democratizar o acesso ao livro numa área conhecida pela violência, tráfico de drogas e pobreza. Entre as atividades da biblioteca estão: empréstimo de livros, apresentações culturais como CineArte, roda de leitura, bazar solidário e comemorações (com o Dia das Crianças, por exemplo).

A biblioteca comunitária vem preencher a ausência de espaços culturais públicos, como salas de teatro e cinema no bairro, possibilitando a democratização do acesso à leitura, à pesquisa e informação, à arte e à inclusão digital.



▲ FIGURA 3.21

Biblioteca Comunitária Luz da Sabedoria

Fonte: blog Artgran

PONTO DE CULTURA

Coordenado pela secretaria de cultura do município, Maria Ximenes, o Ponto de Cultura é conhecido também como a “Casa do Alto” e concentra algumas atividades culturais da cidade, com destaque para a encenação da **Paixão de Cristo** e a **Casa do Papai Noel**.



▲ FIGURA 3.22

Ponto de Cultura (Casa do Alto)
Fonte: acervo da autora

ESCOLA DE MÚSICA PRIMEIROS ACORDES

Localizada na Rua Monsenhor Vitorino, no centro, a escola foi criada pelo jovem músico Neucleber R. Guarinho há mais de 7 anos e é uma iniciativa privada que oferece cursos de violão, teclado, bateria, percussão, guitarra, e estimula a formação de bandas com os jovens.



▲ FIGURA 3.23

Escola de Música Primeiros Acordes
Fonte: Escola de Música Primeiros Acordes

D) ANÁLISE DA ECONOMIA CRIATIVA DO MUNICÍPIO DE GRANJA

A economia do município de Granja é baseada no extrativismo do pó da palha da carnaúba (para fabricação da cera), na castanha de caju, na agricultura familiar, na pecuária, no comércio varejista dentre outras atividades geradoras de renda e no funcionalismo público.

Além disso, o comércio de pequeno e médio porte são marcantes na economia da cidade. No centro, ficam as principais lojas de roupas, de alimentos, de móveis e eletrodomésticos, e nos bairros periféricos, o comércio é feito em pequenas lojas, bodegas ou mercantis e comercializam os mesmo produtos que são vendidos no centro da cidade. Nesse caso, é interessante observar que muitas vezes o espaço do empreendimento fica anexo ou dentro da própria residência do empreendedor.

"Ao andarmos pela periferia da cidade de Granja, podemos observar a existência de uma variedade de atividades geradoras de renda, das mais tradicionais às mais contemporâneas, que não têm a devida valorização das autoridades. Temos o vendedor de ovos de galinha caipira, a mulher que faz tucum, o pescador, a manicure, o revendedor de peixe, o carroceiro, o digitador, o músico, locadora de jogos eletrônicos, "lan house."

Pesquisando os escritos do Padre Vicente Martins, publicados em 1911, na Revista do Instituto do Ceará, podemos observar que a agricultura era bastante deficiente, não apresentava progresso algum.

Padre Vicente Martins escreveu:

"A indústria agrícola é digna de lástima. Os lavradores, em geral, homens rústicos, nascidos no campo, sem a mínima ideia do que seja agricultura não fazem nenhum progresso ao fim de tanto anos."

(texto por Lira Dutra)

Dentro desse universo, está o fazer cultural como gerador de renda, cujo impacto e valor econômico não tem sido mensurado nos indicadores municipais pelos órgãos responsáveis, ao menos até onde se sabe. Porém, essa falta de dados não impede o registro, mesmos que deficitário, da atividade econômica da chamada economia criativa ou economia da cultura.

A economia criativa, já abordada no capítulo 2 deste trabalho, engloba um conjunto de atividades que têm como base o talento, a criatividade e a habilidade individual e cujos produtos geram trabalho e renda.

"O artesanato e a música são as áreas que observo sendo as mais geradoras de renda. O artesanato da palha de carnaúba tem forte expressão no bairro da Lagoa Grande com a confecção de tucum. O chapéu de palha, o ponto cruz, o crochê, chinelo de couro entra na cadeia produtiva do artesanato granjense."

Observo a música como uma área que tem oferecido ocupação para muitos, mesmo sem investimentos fortes e de maneira informal. Vejamos: todo final de semana acontecem as chamadas serestas ou shows nos mais diversos bares na cidade ou zona rural gerando movimentação dos serviços de som, iluminação, transporte, divulgação, segurança, bebidas, cadeiras, mesas e alimentação. Essa cadeia econômica existe, porém é invisível aos dados municipais."

(texto por Lira Dutra)

▼ FIGURA 3.24

Camboeiro de palha no carnaubal em Granja
Fonte: Lira Dutra



▼ FIGURA 3.25

Artesão tecendo rede de pesca, comunidade

Boca do Acre (São Pedro)

Fonte: Lira Dutra

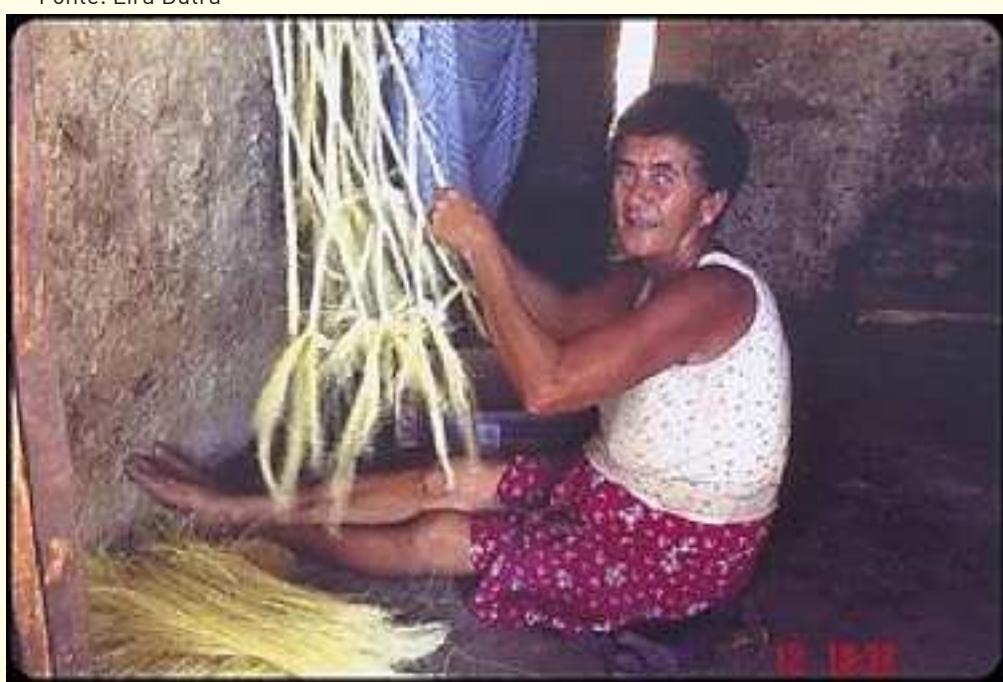


▼ FIGURA 3.26

Artesã tecendo tucum com linho da

carnaúba em Granja

Fonte: Lira Dutra



▼ FIGURA 3.27

Raspadeiras de mandioca em Granja

Fonte: Lira Dutra



Além disso, os grandes eventos promovidos pela prefeitura municipal nas datas comemorativas como Natal, carnaval, festas juninas, aniversário do município e festejos religiosos têm grande expressão na economia. Porém, não se conhecem dados que mostrem a influência disso no PIB municipal.

"Há empreendimentos culturais cuja renda vem da criatividade, direta ou indiretamente, é o caso da escola de Música Primeiros Acordes, da Banda de Música Santa Cecília, dos grupos de capoeira e dos grupos de manifestações folclóricas (bumba meu boi, reisados, quadrilhas juninas). Os grupos de manifestação folclóricas, mesmo tendo suas atividades sazonais, movimentam uma cadeia de produtos e serviços. As quadrilhas juninas são o maior exemplo disso."

(texto por Lira Dutra)

Assim, percebemos que Granja possui um vasto território rural com potencialidades agropecuárias (sendo a extração da palha de carnaúba a de maior relevo) e que a cadeia da economia criativa gera renda mesmo sem a devida valorização dos organismos públicos. Nesse cenário criativo, podemos destacar o artesanato e a música como as áreas de maior influência na economia da cidade. E podemos perceber o quanto importante é valorizar essas atividades, esses profissionais, dando a eles o suporte necessário para que desenvolvam seu trabalho, contribuindo de forma positiva para a cidade.

▼ FIGURA 3.28

Festival da Escola de Música Primeiros Acordes

Fonte: Lira Dutra





▲ FIGURA 4.1

Foto: Marden Sousa.

TÓPICO

04

REFERÊNCIAS
PROJETUAIS

A) ECOA E O CARÁTER EDUCATIVO, SOCIAL E CULTURAL

FICHA TÉCNICA

LOCALIZAÇÃO: Sobral, Ceará

ARQUITETURA: Nelson & Campelo Arquitetos Associados

A ECOA é uma instituição de caráter privado, sem fins lucrativos, que busca acolher, suscitar e fomentar as vocações, ideias e iniciativas que pressionam por conquistar espaço na comunicação, artes de cultura, com intenção e sentido expressivamente de natureza educativa e formadora.

Assim, a ECOA oferta produtos e serviços culturais para vários grupos sociais, buscando fortalecer as dimensões da

inovação, criatividade, diversidade, pluralidade, memória e reflexão, de modo democrático, melhorando a qualidade de vida da população e, logicamente, desenvolvimento humano para região.

Dentre as múltiplas ações que a ECOA realiza, estão artes, arquitetura, cinema, dança, fotografia, letras, músicas, ofícios e teatro.

▼ FIGURA 4.2

ECOA – Instituto Escola de Cultura, Comunicação, Ofícios e Artes

Fonte: http://cultura.sobral.ce.gov.br/files/space/5/01_ecoa1.jpg





FIGURAS 4.3 / 4.4 / 4.5 ►

Apresentação de peças teatrais

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/137920192@N02/24352429120/in/album-72157663310136399/>

Exposições

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/137920192@N02/24020702253/in/album-72157663309345299/>

Oficina de bordado

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/137920192@N02/25383659326/in/album-72157665116789052/>

B) MUSEU CAIS DO SERTÃO LUIZ GONZAGA

E O USO DO COBOGÓ

FICHA TÉCNICA

LOCALIZAÇÃO: Recife, PE

ANO: 2008/2014

ÁREA CONSTRUÍDA: 2.500m²

ARQUITETURA: Brasil Arquitetura

A implantação tira proveito de uma antiga área destinada aos galpões do porto. Um deles dá origem ao partido. Como explica o arquiteto Marcelo Carvalho Ferraz, "trata-se de um galpão que estava condenado, por isso resolvemos reconstruí-lo. Foi preciso colocá-lo abaixo e montá-lo novamente. É o espaço dedicado à exposição permanente do museu".

A execução reaproveita alguns materiais originais, como a estrutura metálica da cobertura e alvenaria, embora a recomposição priorize o uso de concreto aparente, mantendo a linguagem dos materiais utilizados. Além disso, o bloco grande e elevado em concreto cria uma generosa área sombreada para o pedestre que caminha pela cidade.

As duas fachadas do edifício são

contornadas e protegidas por um véu de cobogós, escolhidos inicialmente por tratar-se de um elemento peculiar da arquitetura pernambucana e, depois, pela sua capacidade de filtrar a luz, servindo para amenizar o impacto da pedra amarela de concreto na cidade. Marcelo explica que os 2,2 mil cobogós com a galhada das árvores secas são uma referência à região nordestina seca.

"Quando a pessoa se embrenha no Sertão, ela enxerga tudo através do filtro dos galhos. Mas tem outra proposta, que é a de proteger os equipamentos do museu, todos de alta tecnologia e multimídia. Assim como as obras de arte, eles exigem controle de umidade e temperatura. Para isso, nos espaços internos, especificamos sistemas de ar condicionado."

Marcelo Carvalho Ferraz, arquiteto

▼ FIGURA 4.6

Museu Cais do Sertão Luiz Gonzaga

Fonte: <http://www.galeriadaarquitetura.com.br/lmg/projeto/SF1/175/cais-do-sertao-luiz-gonzaga4315.jpg>





FIGURAS 4.7 / 4.8 / 4.9 ▶

Fachada marcada pela transparência dos cobogós e térreo livre

Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/d6/0a/52/d60a5227aa9999e511f3c25e6dc260d9.jpg>

Cobogós

Fonte: <http://i654.photobucket.com/albums/uu265/wdaniel/138-08.jpg>

Salão de exposições

Fonte: http://www.janelas-abertas.com/wp-content/uploads/2014/06/IMG_1194.jpg

C) AUDITÓRIO IBIRAPUERA E A FLEXIBILIDADE DE DUAS PLATEIAS

FICHA TÉCNICA

LOCALIZAÇÃO: São Paulo, SP

ANO: 2002/2005

ÁREA CONSTRUÍDA: 7.000m²

ARQUITETURA: Oscar Niemeyer

O prédio possui uma volumetria bastante simples, composto de um bloco único que, em planta, é um trapézio e, em corte, um triângulo. Ele completa o conjunto de edifícios do parque paulistano, tal como desenhado na década de 1950.

O auditório é inteiramente branco - concreto armado com pintura impermeabilizante. Os únicos elementos que destoam (ou se destacam) são a marquise de acesso (a "Labareda", escultura do arquiteto feita de metal pintado de vermelho que marca o acesso principal) e a porta do fundo, que tem 20 metros de comprimento por 6 de largura, feita em chapa de ferro pintada de vermelho com tratamento acústico. Esta porta pode ser aberta por meio de dois motores que a erguem em um sistema de roldanas e contrapesos. Isso permite

que os espetáculos se voltem para a plateia externa e sejam acompanhados, gratuitamente, por mais de 15 mil pessoas, entre público e frequentadores do parque.

A simplicidade volumétrica exterior é acompanhada pela organização interna. O foyer destaca-se pela monumentalidade, pela gigantesca escultura de gesso de Tomie Ohtake e pela rampa de acesso à plateia. No interior do auditório, com capacidade de 800 lugares, o palco destaca-se pela grande boca de cena, e os filetes de madeira em relevo em todas as paredes do espaço proporcionam a acústica impecável do auditório. Por fim, o subsolo é dividido em duas partes, uma que abriga um bar e um espaço de reuniões e outra que reúne a administração, uma escola de música, os camarins e a sede do Instituto Música para Todos (IMT).

▼ FIGURA 4.10

Vista interna mostrando a flexibilidade do palco (para o interior e para o exterior)

http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2012/02/Nelson-Kon_Porta-retratil.jpg





FIGURAS 4.11 / 4.12 / 4.13 ▶

Porta do fundo: palco abrindo-se para a área externa

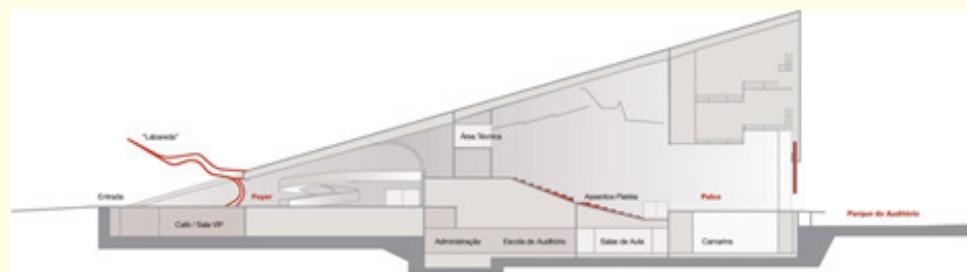
Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/c2/ba/33/c2ba33cdf17e84a1b4625bfab31d5614.jpg>

Porta do fundo metálica pintada de vermelho

Fonte: <http://static.panoramio.com/photos/original/11642232.jpg>

Corte mostrando a flexibilidade do palco

Fonte: https://c1.staticflickr.com/7/6014/5938517452_bf7154a9d7.jpg



D) CIDADE DAS ARTES E A MULTIPLICIDADE DE AMBIENTES

FICHA TÉCNICA

LOCALIZAÇÃO: Rio de Janeiro, RJ

ANO: 2013

ÁREA CONSTRUÍDA: 46.000 m²

ARQUITETURA: Christian de Portzamparc

O conceito de cultura como motor do desenvolvimento foi o ponto de partida para a criação do conjunto de instalações que integram o grande ícone arquitetônico planejado pelo arquiteto francês Christian Portzamparc.

A multiplicidade das funções destes equipamentos, que reúnem a Grande Sala, o Teatro de Câmara, a Sala de Música Eletroacústica, as salas multiuso, a sala de exposições, as salas de ensaio, etc, distribuídos em uma construção ampla e arejada, faz da Cidade das Artes um espaço de promoção à cultura, com relevantes desdobramentos sociais e educativos.

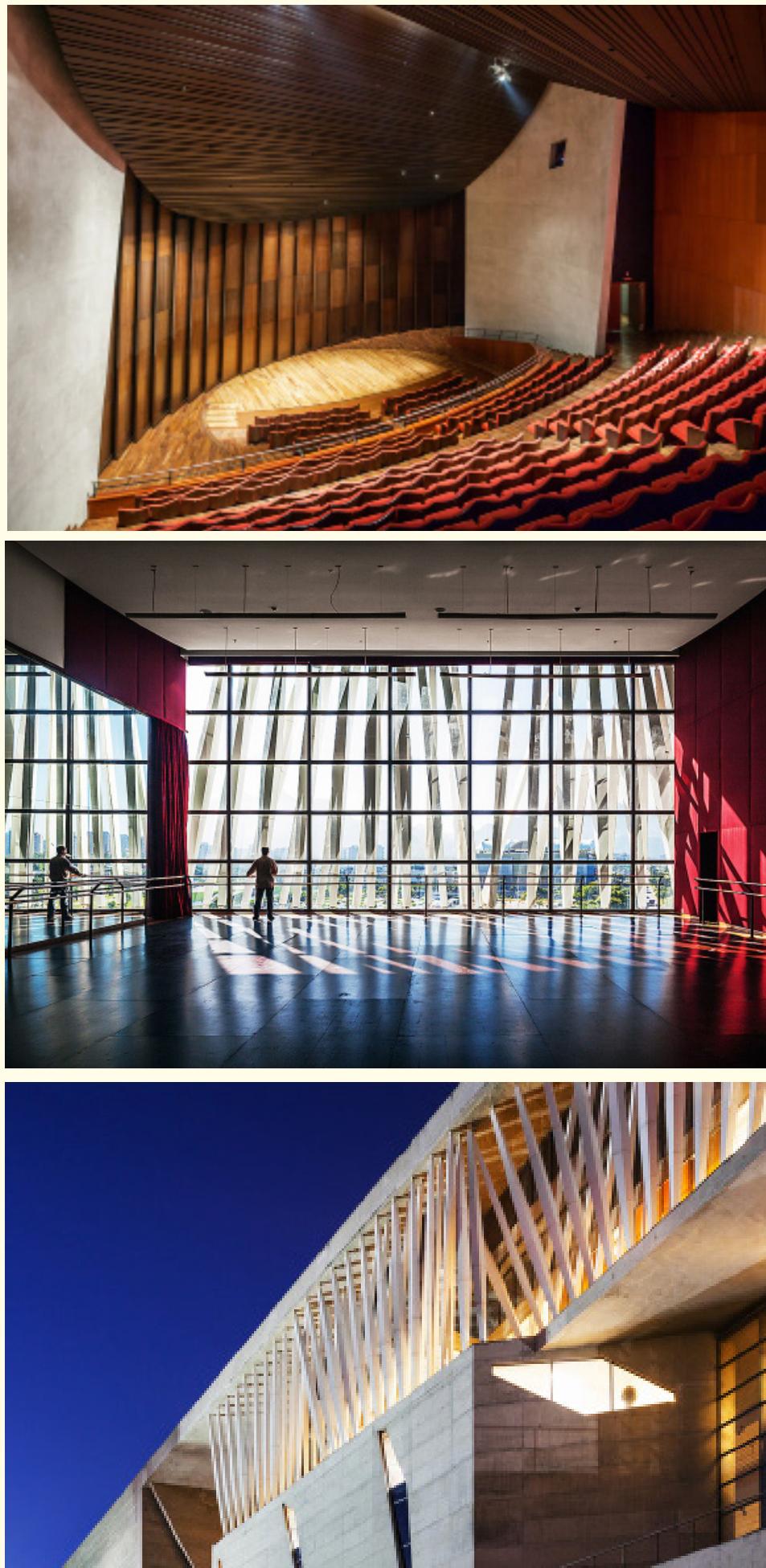
Este notável centro de artes é também um grande espaço de convivência, valendo-se dos diferentes ambientes projetados com a intenção de concentrar no mesmo lugar, teatros, cinemas, restaurante, loja, bistrô. As amplas áreas externas cobertas (ao lado do grande espelho d'água no térreo ou no primeiro andar) e as arquibancadas construídas ao longo das escadas (que levam ao futuro restaurante) são atraentes locais de circulação e permanência de público, onde são realizadas performances, exposições, espetáculos abertos, bailes ou eventos para crianças.

▼ FIGURA 4.14

Integração do edifício com o entorno

Fonte: [http://images.adsttc.com/media/images/529f/dba5/e8e4/4ec0/e600/006f/large_jpg/200207-RIO_201305_\(c\)Nelson_KON_1362.jpg?1386208118](http://images.adsttc.com/media/images/529f/dba5/e8e4/4ec0/e600/006f/large_jpg/200207-RIO_201305_(c)Nelson_KON_1362.jpg?1386208118)





FIGURAS 4.15 / 4.16 / 4.17 ►

Vista interna do teatro

Fonte: http://images.adsttc.com/media/images/529f/df17/e8e4/4ebb/0d00/0079/slideshow/200207-RIO_201305_{c}Nelson_KON_1665.jpg?1386209003

Sala de dança com vista para o exterior

Fonte: https://arcowebarquivos-us.s3.amazonaws.com/images/84/71/arq_38471.jpg

Fachada com elementos vazados

Fonte: http://images.adsttc.com/media/images/529f/e055/e8e4/4ebb/0d00/007c/slideshow/200207-RIO_201305_{c}Nelson_KON_1873.jpg?1386209314

E) CHRISTCHURCH CENTRAL LIBRARY E A INTEGRAÇÃO COM A PRAÇA

FICHA TÉCNICA

LOCALIZAÇÃO: Christchurch, Nova Zelândia

ANO: Vencedor de competição internacional de 2014

ÁREA CONSTRUÍDA: 9.120.000 m²

ARQUITETURA: Schmidt Hammer Lassen Architects

O projeto consiste na construção da nova Biblioteca Central de Christchurch, na Nova Zelândia, que integra o projeto de recuperação do centro da cidade após os terremotos ocorridos entre 2010 e 2011.

O edifício é marcado pela horizontalidade, com fachada composta por placas de vidro semitranslúcido e estruturas metálicas perfuradas na cor bronze. O conceito da proposta, segundo o escritório, é aproximar a construção da população, tornando a biblioteca integrada à praça pública. O térreo do edifício, portanto, será como uma continuação do espaço público da praça, criando uma entrada aberta e conectada com a catedral e o centro de convenções,

ambos em construção no terreno adjacente. O terraço abrigará espaços para descanso e convivência, enquanto os três andares superiores abrigarão, além do acervo, salas de leitura e biblioteca multimídia com recursos digitais tecnológicos.

“A Nova Biblioteca Central será um ponto de encontro social na cidade reconstruída. Proporcionará um acesso fácil às tecnologias digitais e às coleções locais de patrimônio. Haverá espaços de exposição e de performance, um centro de aprendizagem, espaços para relaxar - dentro e fora - e atividades para entreter e educar os jovens”, explicou Morten Schmidt, sócio fundador da Schmidt Martelo Lassen Arquitetos.

▼ FIGURA 4.18

Vista mostrando a integração do edifício à praça

Fonte: http://www.shl.dk/wp-content/uploads/2016/02/SHL_Architects_Christchurch-Central-Library_Cathedral-square-view-1170x819.jpg





FIGURAS 4.19 / 4.20 / 4.21 ►

Vista mostrando a integração do edifício à praça

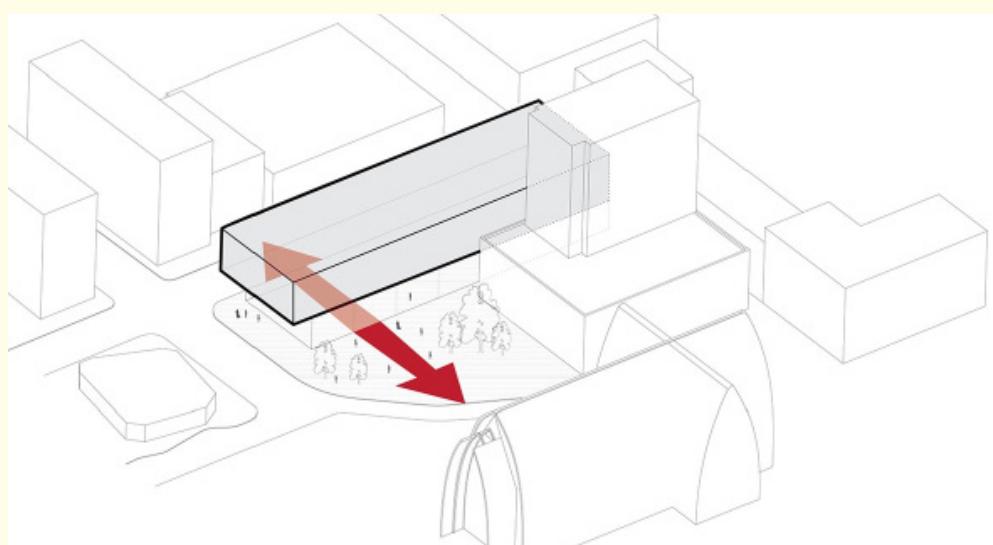
Fonte: http://www.shl.dk/wp-content/uploads/2016/02/SHL_Architects_Christchurch-Central-Library_From-Cathedral-Daytime-1170x819.jpg

Vista mostrando a integração do edifício à praça

Fonte: http://www.shl.dk/wp-content/uploads/2016/02/SHL_Architects_Christchurch-Central-Library_Corner-of-Gl-S-and-Colombo-St-1170x819.jpg

Edifício de forma pavilhonar e térreo livre - aumento da conexão visual entre a praça e a biblioteca

Fonte: http://www.shl.dk/wp-content/uploads/2016/02/SHL_Architects_Christchurch-Central-Library_concept-1-1170x794.jpg





▲ FIGURA 5.1

Foto: Marden Sousa.

TÓPICO

05

SOBRE
A ÁREA

A) TERRENO E ENTORNO

O terreno escolhido para a implantação do Complexo Cultural Macaboqueira está localizado na área residencial, no Centro de Granja, Ceará. Trata-se de um lote de 13.216,63 m², delimitado pela Rua Vereador Inácio Barcelos, pela Rua Dois de Novembro e por uma rua sem nome.

A escolha do local se deu a partir de conversas com alguns granjenses, que destacaram a importância do terreno estar em uma área mais elevada da cidade, pois nos terrenos mais próximos à área do rio, há muita probabilidade de enchentes em tempos chuvosos, o que prejudicaria diretamente a praça e o equipamento propostos.

É uma área de fácil acesso, próxima a escolas, creches, igrejas, comércios e residências, além de ter um potencial adequado para esse tipo de equipamento, como saneamento básico, iluminação pública, ruas pavimentadas, pois, infelizmente algumas áreas da cidade ainda não contam com toda essa infraestrutura.

No entorno, bem como no restante da cidade, predominam gabaritos baixos. Geralmente são edificações com apenas térreo, ou térreo + 1 ou térreo + 2. Os gabaritos maiores pertencem à Igreja Matriz e a uma pousada (térreo + 3).

▼ MAPA 5.1

Localização do terreno

Fonte: Google Earth adaptado pela autora



LEGENDA

RUA VEREADOR INÁCIO BARCELOS

RUA SEM NOME

TERRENO

RUA DOIS DE NOVEMBRO

RUA JOÃO PESSOA

▼ FIGURA 5.2

Esquina da Rua Dois de Novembro com Rua Vereador Inácio Barcelos

Fonte: acervo da autora



▼ FIGURA 5.4

Rua Vereador Inácio Barcelos

Fonte: acervo da autora



▼ FIGURA 5.6

Rua sem nome que limita o terreno

Fonte: acervo da autora



▼ FIGURA 5.3

Rua Dois de Novembro

Fonte: acervo da autora



▼ FIGURA 5.5

Rua Vereador Inácio Barcelos

Fonte: acervo da autora



▼ FIGURA 5.7

UPA (Unidade de Pronto Atendimento) e Hospital Municipal mais ao fundo

Fonte: acervo da autora



▼ MAPA 5.2

Usos do entorno

Fonte: Google Earth adaptado pela autora



B) ZONEAMENTO E SISTEMA VIÁRIO

DEFINIÇÃO DE ÁREAS URBANAS E RESPECTIVOS USOS PERMITIDOS

Segundo o Plano Diretor Participativo de Granja, o zoneamento proposto (setorização das áreas urbanas) é flexível, na medida em que incentiva o uso misto e integrado de funções/atividades na maioria das zonas urbanas, diferenciadas, no entanto, pela categorização do uso e ocupação do solo.

Além disso, busca essencialmente evitar conflitos de uso, resguardar o meio ambiente natural, assegurar a vitalidade do espaço urbano, reduzir deslocamentos, garantir segurança aos cidadãos e compatibilizar os usos propostos com a infraestrutura existente e projetada.

As áreas são classificadas em: Área de preservação permanente, área de interesse turístico, área central, área de atividades produtivas e área residencial.

O terreno escolhido para implantar o

Complexo Cultural Macaboqueira localiza-se na área residencial, fazendo fronteira com a área central. Nas duas áreas a implantação desse equipamento é permitida.

Sobre a área residencial, o Plano Diretor diz que:

“Não deverão ter restrições de densidade populacional, e serão previstos a predominância do uso residencial e misto. Será incentivada a ocupação dos vazios urbanos e garantida toda infraestrutura básica. Nesta área, pretende-se que a tipologia das habitações sejam adequadas e com espaços públicos mais qualificados.

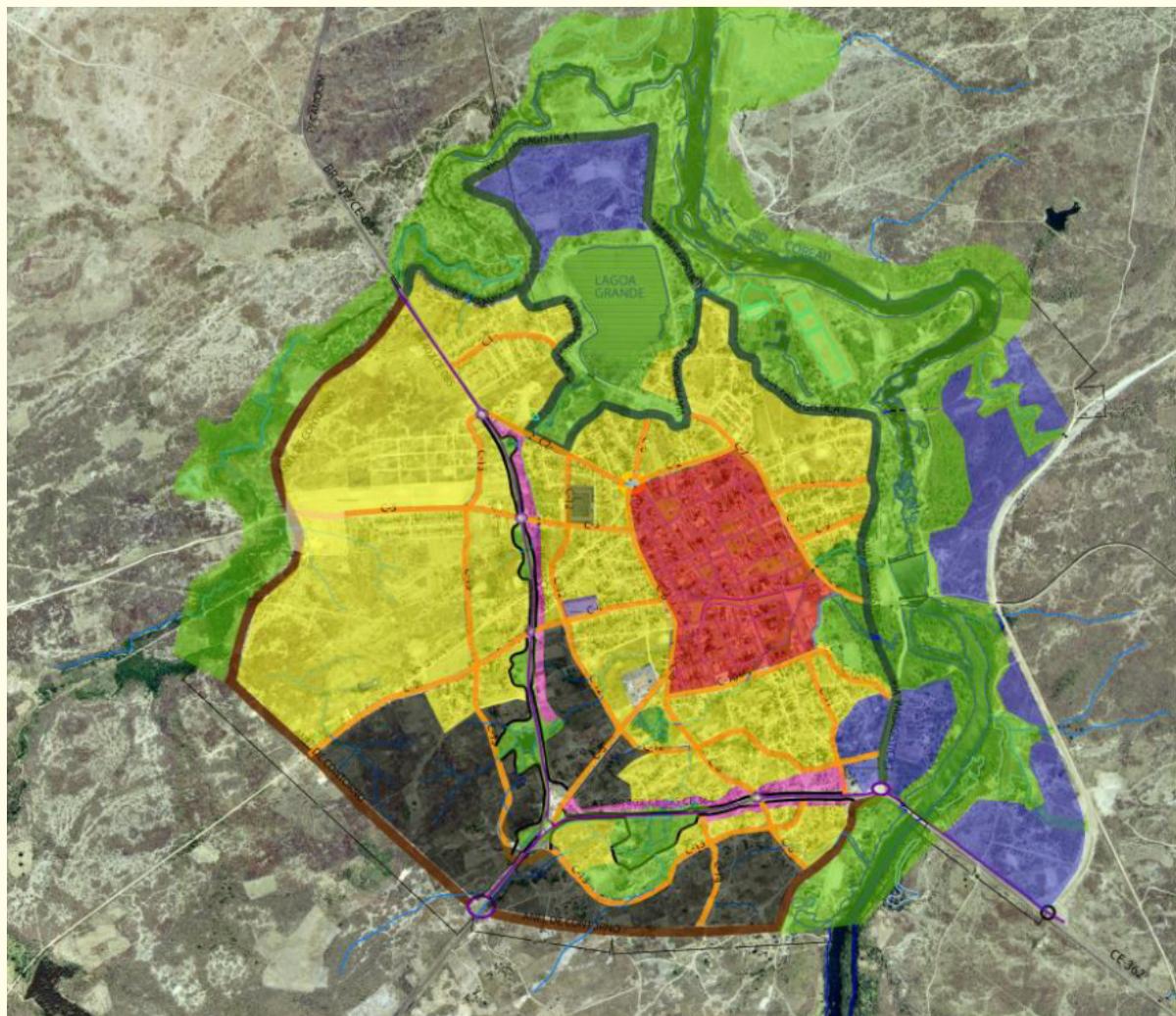
Deverão ser implantados os Pontos de Encontro, que aglutinarão os equipamentos e serviços públicos, tais como: creche, escolas, posto

de saúde, parques, praças, áreas de esportes, etc." (PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO DE GRANJA, parte 3, pág. 72)

▼ MAPA 5.3

Zoneamento básico e sistema viário básico de Granja

Fonte: Plano Diretor Participativo de Granja



LEGENDA

SISTEMA VIÁRIO BÁSICO

- VIA PAISAGÍSTICA
- VIA ARTERIAL
- ANEL DE CONTORNO
- VIAS COLETORAS
- RUAS DA ÁREA CENTRAL
- RUAS LOCAIS

ZONEAMENTO BÁSICO

- ÁREA DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE
- ÁREA DE INTERESSE TURÍSTICO
- ÁREA CENTRAL
- ÁREA DE ATIVIDADES PRODUTIVAS
- ÁREA RESIDENCIAL
- EIXO DE MULTIUSO

SISTEMA VIÁRIO

O Sistema Viário proposto para o Município de Granja é formado por um conjunto de vias, onde cada via tem sua função de distribuição de tráfego, de forma a garantir que a circulação ocorra com eficiência e segurança e que sejam asseguradas as condições de mobilidade e acessibilidade.

O sistema proposto está classificado de modo a atender o tráfego de passagem, de médio e longo percursos, e o acesso às atividades, através de vias existentes e projetadas, com finalidade própria e com características físicas e operacionais adequadas. Ele é composto por vias classificadas como arteriais, coletoras, locais e especiais

1. VIAS ARTERIAIS

Granja é atravessada por rodovias que serão consideradas Vias Arteriais quando inseridas na malha urbana. Estas vias têm como função integrar Granja aos municípios circunvizinhos bem como as diversas localidades dentro do próprio município, garantindo a fluidez do tráfego, o ordenamento físico do espaço, a acessibilidade fácil através de vias locais de apoio.

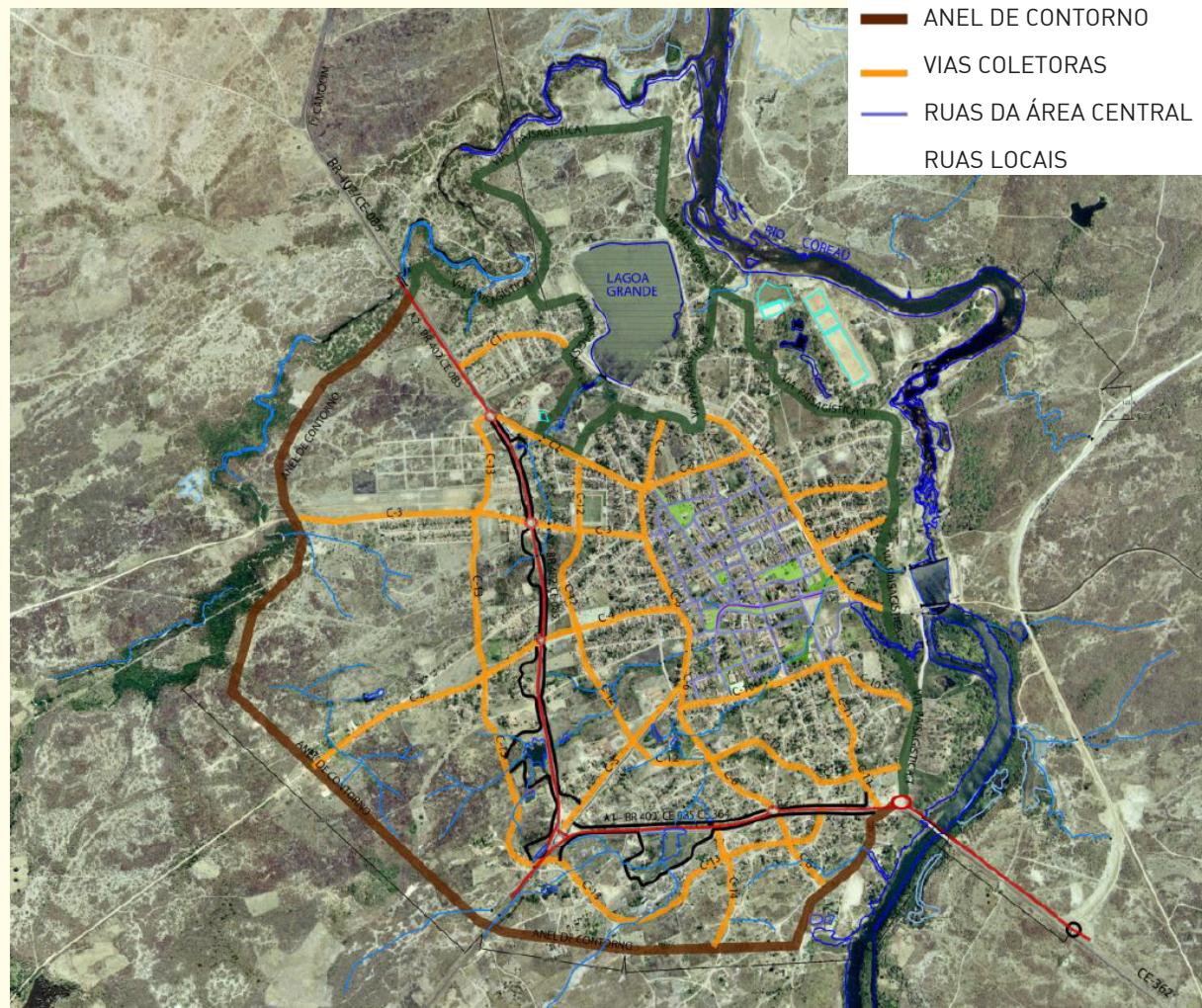
2. VIAS COLETORAS

Têm como função garantir a acessibilidade a todas as zonas dentro da área urbana, integrando-as entre si e às vias arteriais e especiais.

▼ MAPA 5.4

Sistema Viário Básico De Granja

Fonte: Plano Diretor Participativo De Granja



3. VIAS ESPECIAIS

VIAS PAISAGÍSTICAS

Têm como função delimitar as áreas de proteção, permitindo o acesso às mesmas em qualquer parte da área urbana.

ANEL DE CONTORNO

Delimita o perímetro urbano na parte sul e sudoeste da cidade, inicia-se na BR402/CE 085 saída para Sobral e finda na saída para Camocim.

4. VIAS LOCAIS

São formadas pelo conjunto restante das vias existentes e dos novos parcelamentos e se conectam às vias coletoras.

Nas proximidades da área escolhida, há predominantemente ruas coletoras e ruas locais.

▼ MAPA 5.5

Sistema viário básico de Granja ampliado mostrando área escolhida

Fonte: Google Earth adaptado pela autora



LEGENDA

VIAS COLETORAS

RAIO DE CAMINHABILIDADE

VIAS LOCAIS DA ÁREA CENTRAL

TERRENO

VIAS LOCAIS

C) LEGISLAÇÃO

CLASSIFICAÇÃO DE USOS PROPOSTOS

Segundo o Plano Diretor Participativo de Granja, os usos são classificados em: uso residencial – R, uso misto - M, uso comercial e de serviços – CS, uso de hospedagem – H e uso industrial – I.

"USO COMERCIAL E DE SERVIÇOS
- CS: São as edificações propostas para os estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços, os quais incluem: comércio varejista, atacadista, serviços bancários, de alimentação, de educação, de saúde, de manutenção e reparação, de profissionais liberais, atividades governamentais, de lazer e culturais, religiosas, de segurança, clubes, etc.

CS1 – COMÉRCIO E SERVIÇOS 1 - São equipamentos com área até 150,00 m².

CS2 – COMÉRCIO E SERVIÇOS 2 - São os equipamentos acima de 150,00 m² de área construída."

(PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO DE GRANJA, parte 3, pág. 73)

O Complexo Cultural enquadra-se no *uso comercial* e de serviços e, através da seguinte tabela, percebemos que sua implantação é permitida na área residencial.

▼ TABELA 5.1

INDICADORES URBANOS POR TIPO DE USO – ÁREAS RESIDENCIAIS

USO	QUALIFICAÇÃO	ÍNDICE DE APROVEITAMENTO	TAXA DE OCUPAÇÃO	RECUOS			OBS
				FRONTAL	LATERAL	FUNDOS	
R1	A	1,0	60	3,0	-	3,0	1
R2	A	1,5	60	3,0	-	3,0	1
R3	A	1,0	70	3,0	-	3,0	1
M	A	1,5	60	3,0	-	3,0	1
CS1	A	1,5	60	3,0	-	3,0	1
CS2	P	1,5	50	5,0	3,0	3,0	-
H1	P	1,5	40	5,0	3,0	3,0	-
H2	I		-	-	-	-	-
I1	P	1,0	40	5,0	3,0	3,0	-
I2	I		-	-	-	-	-

LEGENDA

- A- uso adequado
- P- uso permitido
- I- uso inadequado

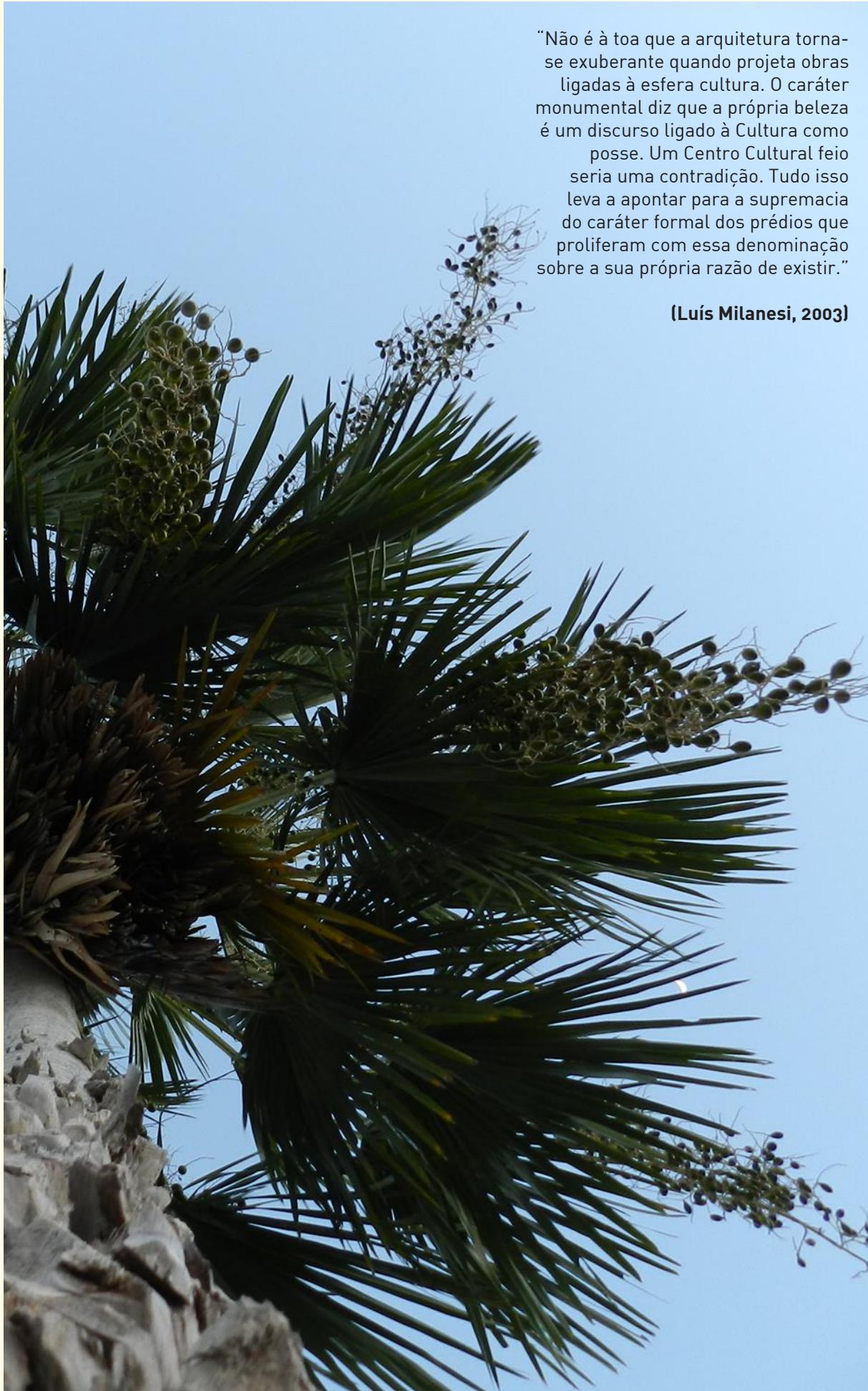
PROPOSIÇÃO DE EQUIPAMENTOS INDISPENSÁVEIS (PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO DE GRANJA)

EQUIPAMENTOS COMUNITÁRIOS

Para a implantação dos equipamentos comunitários básicos tais como: escolas, creches, unidades de saúde, praças, áreas de esportes, centros comunitários, entre outros, são propostas a criação de Pontos de Encontro – espaços públicos de animação e serviços, centrais às áreas residenciais e que permitem o deslocamento a pé de uma criança, desde sua residência até a escola, de forma segura e confortável.

Nesses centros, se localizarão todos os equipamentos públicos ou privados voltados para o atendimento da população local da área. Deverão conter equipamentos de lazer para todas as faixas etárias, principalmente para crianças e jovens, que representam mais de 42% da população da cidade de Granja sem esquecer também dos idosos.

Essa proposta está baseada na experiência bem sucedida das Unidades de Vizinhança. A concentração de equipamentos/atividades diversificados em uma mesma área, integrados com atividades de lazer garantirá o uso intensivo do espaço em todos os períodos do dia, evitando-se assim a ociosidade e a insegurança dos espaços públicos, principalmente à noite.



“Não é à toa que a arquitetura torna-se exuberante quando projeta obras ligadas à esfera cultura. O caráter monumental diz que a própria beleza é um discurso ligado à Cultura como posse. Um Centro Cultural feio seria uma contradição. Tudo isso leva a apontar para a supremacia do caráter formal dos prédios que proliferam com essa denominação sobre a sua própria razão de existir.”

(Luís Milanesi, 2003)

▲ FIGURA 6.1

Foto: Marden Sousa.

TÓPICO

06

SOBRE
O PROJETO

A) PRINCÍPIOS E CONCEITOS DE PROJETO

A implantação de um Complexo Cultural na cidade de Granja se propõe como um equipamento referencial para a cidade e para a região, tanto pelos propósitos do complexo, quanto pela arquitetura.

Dessa forma, o partido do projeto foi elaborado levando em consideração algumas questões como melhor disposição para iluminação e ventilação, acessibilidade, integração com a praça, dentre outros. A ideia, desde o início, era concentrar todos os ambientes em dois blocos interligados: o bloco com salas para atividades variadas e o bloco do cine-teatro-auditório. Assim, o restante do terreno seria uma grande praça, destinada a atividades culturais, esportivas e de lazer ou simplesmente a servir como ponto de encontro.

O estudo sobre o programa de necessidades mostrou a necessidade de setorização para tornar o equipamento organizado, fluido e de fácil acesso. Assim, buscou-se distribuir as salas de acordo com suas finalidades nos três pavimentos, deixando o térreo praticamente livre para que ele funcione como uma extensão da praça.

É importante dizer que o equipamento, assim como a praça, se propõe a ser público e deve haver um controle da segurança, mas sem a existência de grades ou qualquer obstáculo que limite a utilização dos equipamentos ou que anule a intenção de comunicação entre o equipamento, a praça e o entorno.

Assim, os princípios que nortearam o projeto foram:

Acessibilidade e fácil acesso: ser acessível para todos os públicos, independente de idade ou de condição física e financeira. Isso requer uma preocupação com as circulações horizontais e verticais, com o tamanho das esquadrias, com os banheiros (adaptados), com a pavimentação segura, etc.

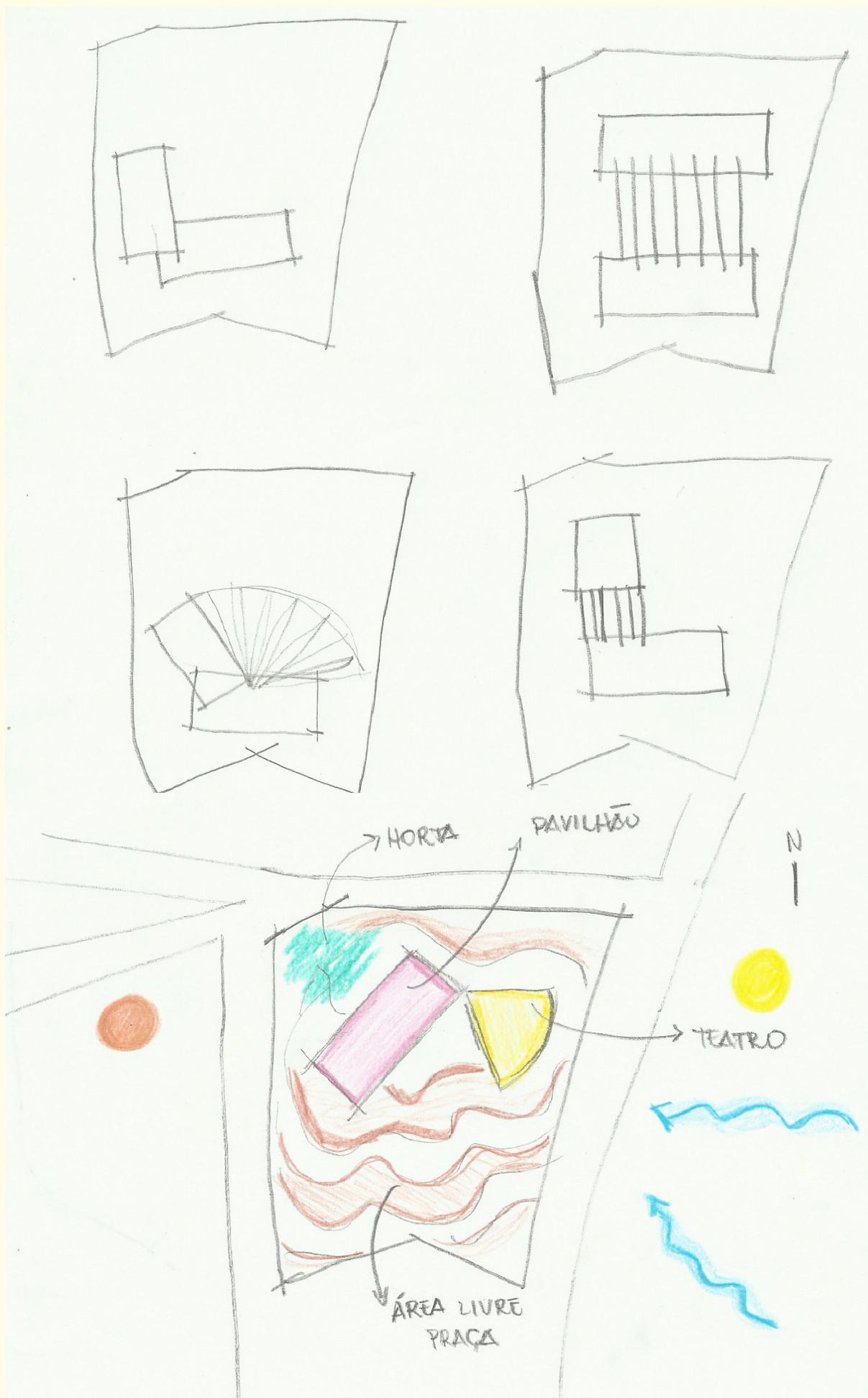
Fluidez e integração com a praça: pavimentos bem organizados, setorizados e flexíveis, facilitando o fluxo no interior do edifício. Além disso, ao deixar o térreo livre ele se torna uma continuação da praça, permitindo que as pessoas que utilizam a praça sintam-se convidadas a entrar no equipamento, não havendo uma separação física entre esses dois elementos.

Utilização de materiais e técnicas construtivas tradicionais: optou-se por materiais e técnicas de construção que já são habituais na cidade, para evitar o uso de mão-de-obra externa, reduzindo, assim, os custos na construção. Além disso, emprega-se o cobogó (de formatos comuns em cidades do interior) para proteção das fachadas e intenção estética.

FIGURA 6.2►

Croquis

Fonte: elaborado pela autora.



B) PROGRAMA DE NECESSIDADES E RELAÇÕES FUNCIONAIS

PROGRAMA DE NECESSIDADES

O programa de necessidades, como dito anteriormente, foi feito em conjunto com algumas pessoas engajadas nas atividades culturais de Granja, que foram essenciais para identificar as carências da cidade e tornar o programa adequado e completo.

Sendo assim, foram estabelecidos alguns eixos para alcançar o objetivo do Complexo Cultural, que é ser um grande centro com múltiplas funções: formação, estudo, produção, exposição, apresentação, encontro e lazer.

O primeiro eixo da tabela, **ATIVIDADES CULTURAIS**, refere-se ao cine teatro auditório, acessado pelo térreo e destinado a apresentações teatrais, de dança, exibição de filmes, palestras, etc.. Inspirado no Auditório Ibirapuera de Niemeyer, o palco é compartilhado com o anfiteatro (proposto para apresentações ou cinema ao ar livre) e essa flexibilidade permite diversas formas de utilização desses dois ambientes.

Ainda nesse eixo, está o memorial de Granja, localizado no primeiro pavimento. Um espaço amplo, livre e flexível destinado a exposições temporárias e permanentes com o objetivo de reunir grande parte do acervo cultural da cidade e expô-lo, valorizando a cultura e os artistas granjenses.

O segundo eixo é a **BIBLIOTECA**, que está localizada no terceiro pavimento devido às grandes dimensões do espaço, ao conforto acústico e à vista privilegiada. Assim, buscou-se projetar um ambiente que atenda a diferentes públicos, possibilitando diversas atividades (leitura, jogos, estudo, brinquedoteca) e que conserve grande parte do acervo literário de Granja.

O próximo eixo é o de **FORMAÇÃO/CAPACITAÇÃO**, que reúne as oficinas e os ateliers destinados ao desenvolvimento

de cursos, workshops e palestras, com a finalidade de repassar o conhecimento, capacitar os interessados, gerar renda e movimentar a economia criativa da cidade. Os ambientes desse eixo estão distribuídos no primeiro e no segundo pavimento.

Em seguida, há o eixo da **ADMINISTRAÇÃO/APOIO**, que contempla toda a parte de diretoria, curadoria, tesouraria, além de uma sala para atendimento psicológico e uma enfermaria. Essas salas estão localizadas no segundo pavimento, juntamente com o apoio necessário (copa, estar dos funcionários, etc.). E, no terceiro pavimento, pelos mesmos motivos da biblioteca (dimensão, conforto acústico e vista privilegiada), está o acolhimento, uma área destinada para receber palestrantes, artistas ou grupos, oferecendo uma boa estadia, e evitando, assim, custos com hospedagens em hotéis ou pousadas.

E, por fim, há o eixo dos **SERVIÇOS/ÁREAS LIVRES**, que se refere aos serviços de apoio (banheiros, depósitos, almoxarifados, vestiários), à praça e às atividades nela desenvolvidas, como academia ao ar livre, skatepark, playground e horta.

▼ TABELA 6.1

ATIVIDADES CULTURAIS

SETOR	AMBIENTE	QUANTIDADE	ÁREA (M2)
CINE-TEATRO AUDITÓRIO	PLATEIA (193 PESSOAS) 190 LUGARES/ 3 ADAPTADOS	1	222,30
	PALCO COMPARTILHADO	1	118,60
	CABINE DE PROJEÇÃO	1	6,47
	CAMARIM M COM WC	1	14,34
	CAMARIM F COM WC	1	15,09
	DEPÓSITO DE MATERIAIS	1	6,47
	DEPÓSITO TEATRO	1	29,94
	BOMBONIERE	1	8,75
	BILHETERIA	1	8,74
	WC MAS	1	13,30
	WC FEM	1	13,30
MEMORIAL DE GRANJA	SALÃO DE EXPOSIÇÕES	1	373,50
ANFITEATRO	PLATEIA (230 PESSOAS)	1	168,52

BIBLIOTECA

SETOR	AMBIENTE	QUANTIDADE	ÁREA (M2)
RECEPÇÃO	ESPERA	1	17,47
	BALCÃO DE RECEPÇÃO / GUARDA VOLUMES	1	11,06
MIDIOTECA	ILHA DIGITAL	1	29,17
	SALÃO DE JOGOS	1	12,87
	SALA DE VÍDEO	1	12,57
ACERVO	LIVROS / GIBIS/COREDÉIS / REVISTAS	1	65,86
LEITURA	EM GRUPO	1	48,52
	INDIVIDUAL CABINES	4	15,84
BRINQUEDOTECA	BRINQUEDOS /JOGOS /LEITURA	1	19,75

FORMAÇÃO / CAPACITAÇÃO

SETOR	AMBIENTE	QUANTIDADE	ÁREA (M2)
ATELIER	TEATRO	1	103,75
	DANÇA	1	76,52
	MÚSICA – sala de ensaio	1	45,10
	SALAS DE MÚSICAS INDIVIDUAIS	4	21,10
	ESTÚDIO	1	41,98
	DIGITAL (INFORMÁTICA)	1	70,29
OFICINA	CULINÁRIA REGIONAL C/ COZINHA	1	71,96
	ARTESANATO	1	60,40
	ARTE (DESENHO, GRAVURA, PINTURA, ESCULTURA)	1	55,77
	FOTOGRAFIA: estúdio, câm. clara e câm. escura	1	45,64
	VÍDEO COM ILHA DE EDIÇÃO	1	70,30
AUDITÓRIO	PLATEIA (94 PESSOAS): 92 LUGARES 2 ADAPTADOS	1	105,11
SALAS MULTIUso	TIPO 1	1	44,34
	TIPO 2	1	47,57

ADMINISTRAÇÃO / APOIO

SETOR	AMBIENTE	QUANTIDADE	ÁREA (M ²)
ADMINISTRAÇÃO	RECEPÇÃO ESTAR FUNCIONÁRIOS / COPA ALMOXARIFADO DIRETORIA + WC TESOURARIA SALA DE REUNIÃO ARQUIVO	1 1 1 1 1 1 1	12,22 29,35 12,84 22,58 14,50 43,00 43,27
	CADASTRAMENTO/CURADORIA/RH COORDENAÇÃO ATELIER COORDENAÇÃO OFICINA	1	50,13
SAÚDE	ENFERMARIA	1	21,50
	SALA DE ATENDIMENTO (PSICOLOGIA PEDAGOGIA , ASSISTÊNCIA SOCIAL)	1	21,50
ACOLHIMENTO	RECEPÇÃO/FINANCEIRO/ESPERA COPA / REFEITÓRIO LAVANDERIA DORMITÓRIO M COM VARANDA DORMITÓRIO F COM VARANDA WC M / WC F / WC ADAPTADO	1 1 1 1 1 1	15,30 16,52 8,00 49,50 49,50 45,50

SERVIÇOS / ÁREAS LIVRES

SETOR	AMBIENTE	QUANTIDADE	ÁREA (M ²)
APOIO / SERVIÇO	SEGURANÇA / INFORMAÇÕES	1	6,70
	ESTACIONAMENTO	CARRO:16 VAGAS MOTO: 30 VAGAS ONIBUS: 3 VAGAS BICICLETÁRIO: 48VAGAS	966,97
	DEPÓSITO GERAL DEPÓSITO ALIMENTOS DEPÓSITO LIMPEZA VESTIÁRIO M VESTIÁRIO F REFEITÓRIO / COPA LIXO / GÁS	1 1 1 1 1 1 1	16,40 23,50 23,50 28,45 28,45 19,10 14,20
ÁREA COMUM	WC PÚBLICO M + ADAPT. WC PÚBLICO F + ADAPT. RESTAURANTE / café COZINHA	4 4 1 1	27,40 27,40 87,46 58,00
PRAÇA	SKATEPARK ACADEMIA AO AR LIVRE PLAYGROUND HORTA VIVA / FARMÁCIA VIVA	1 1 1 1	160,24 183,22 154,86 211,40

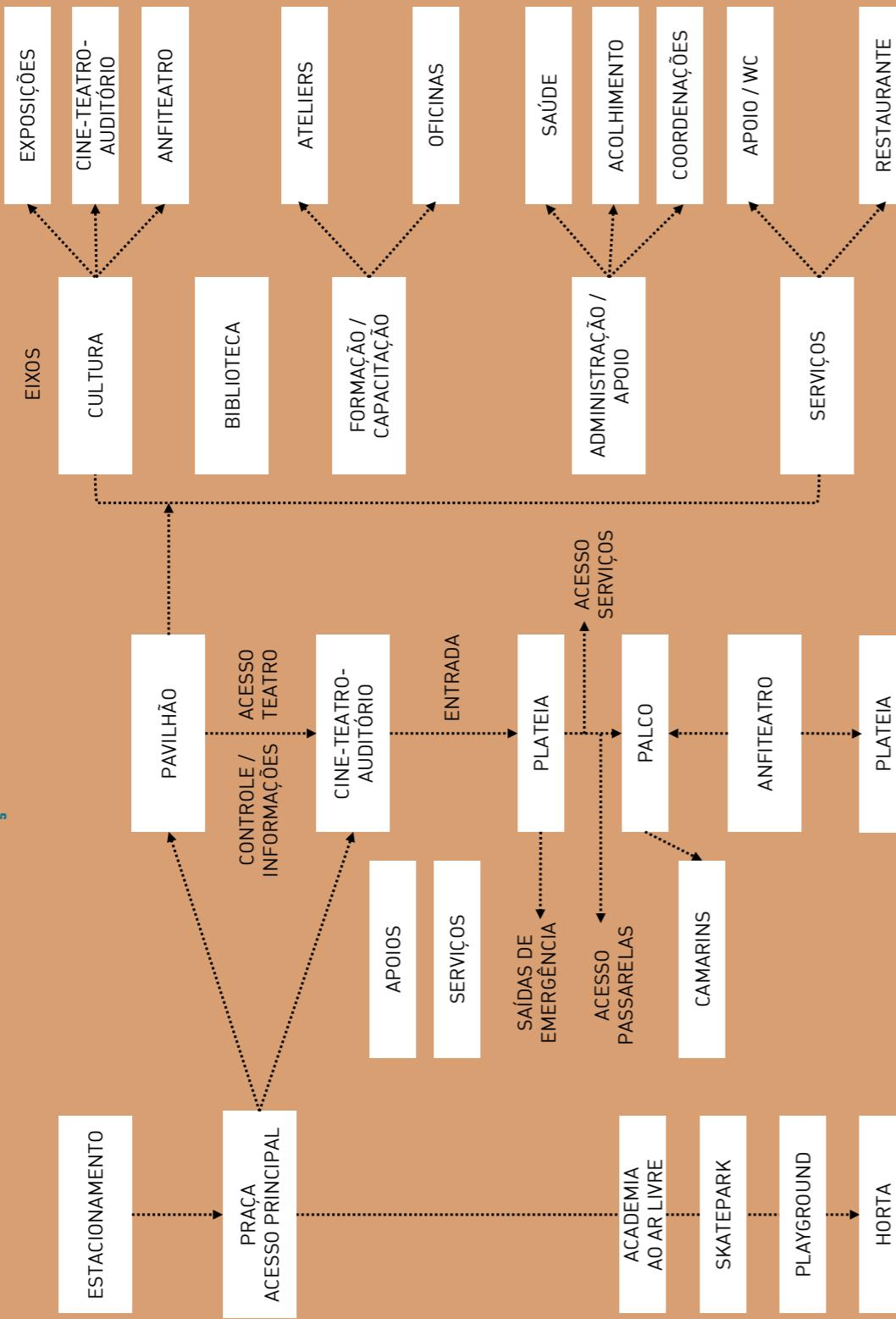
RELAÇÕES FUNCIONAIS

FIGURA 6.3 ▼

Relações Funcionais.

elaborado pela autora.

elaborado pela autora.



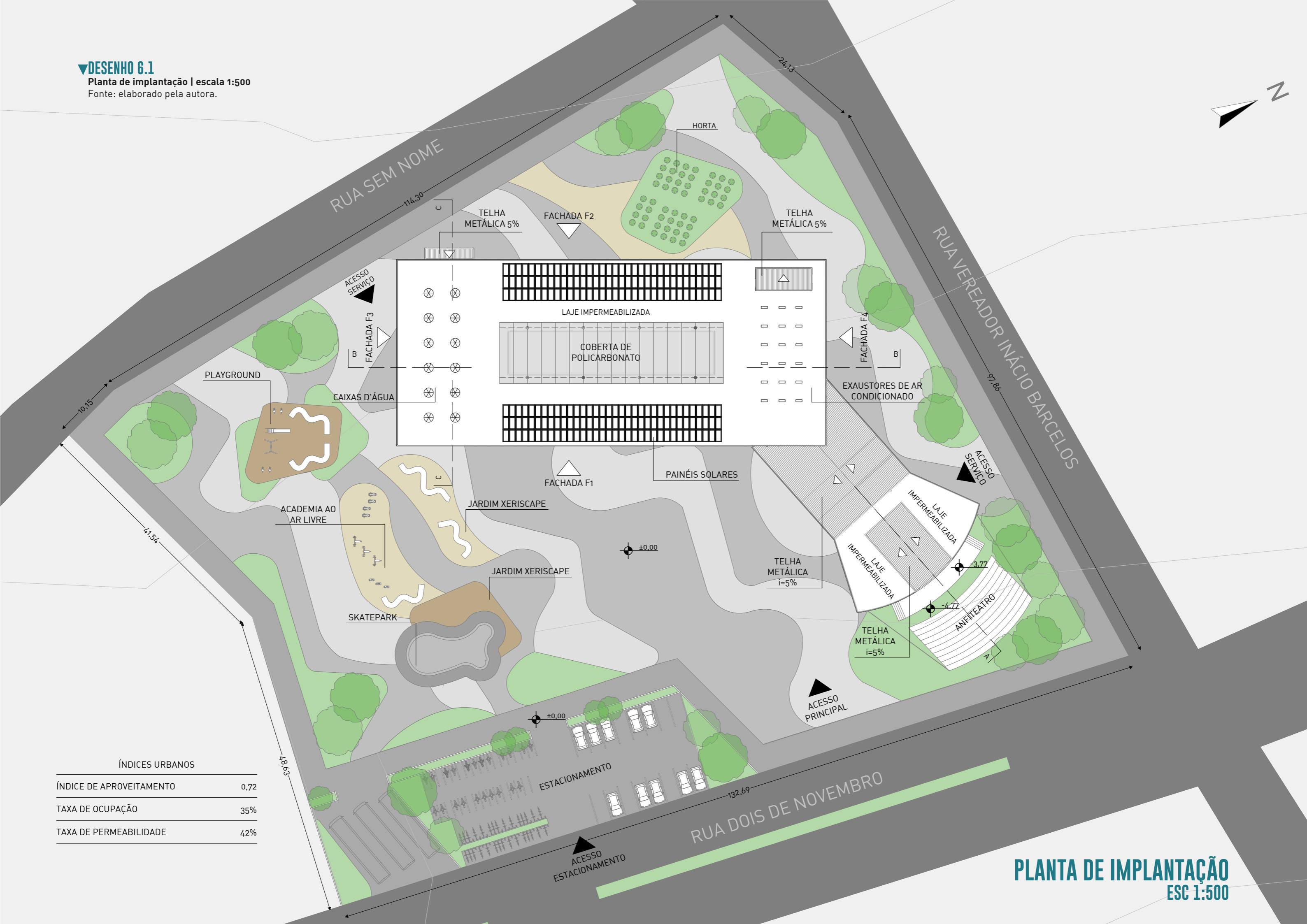
c) PROJETO COMPLEXO CULTURAL MACABOQUEIRA

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO ESC 1:500

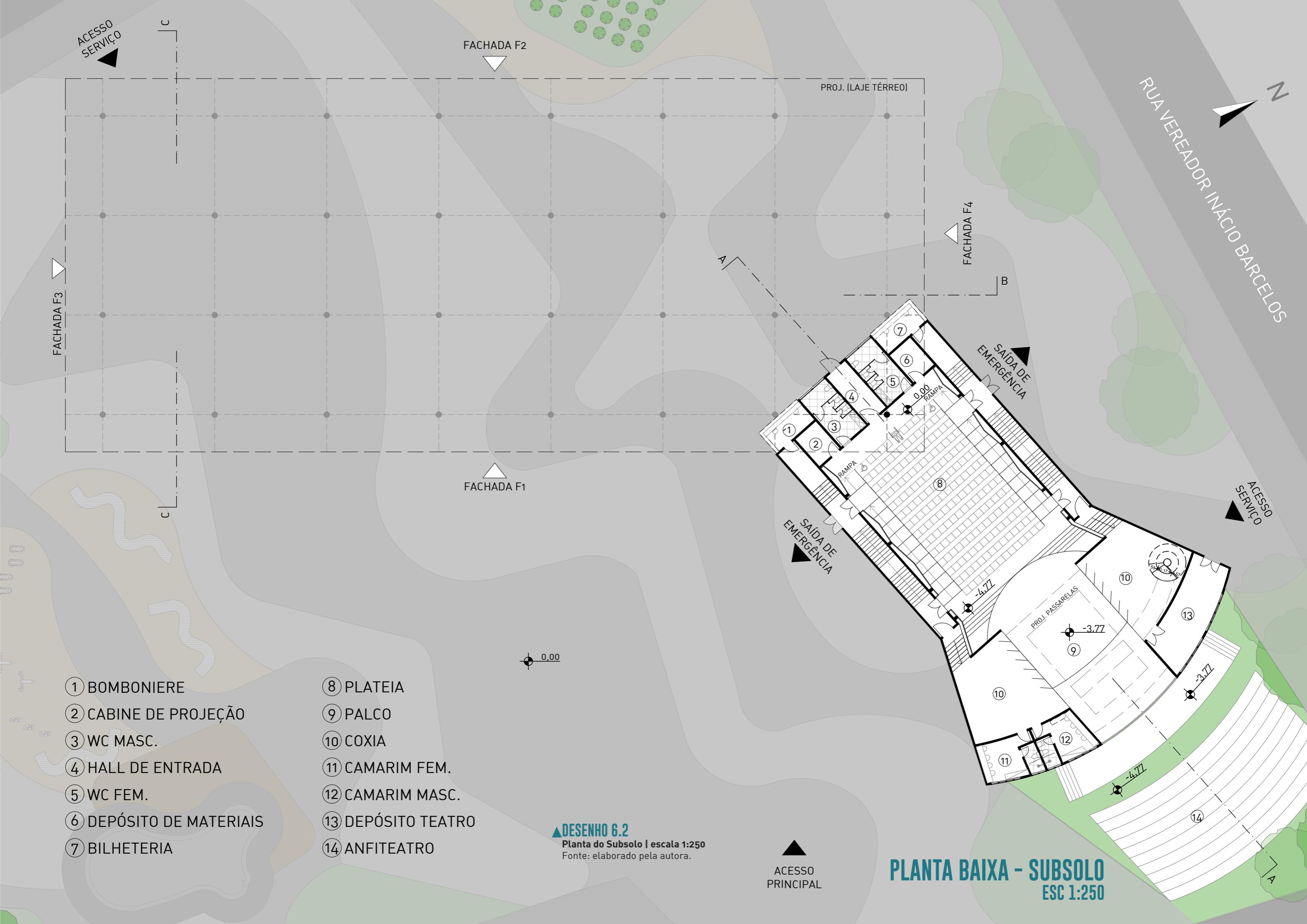
DESENHO 6.1

Planta de implantação I escala 1:500

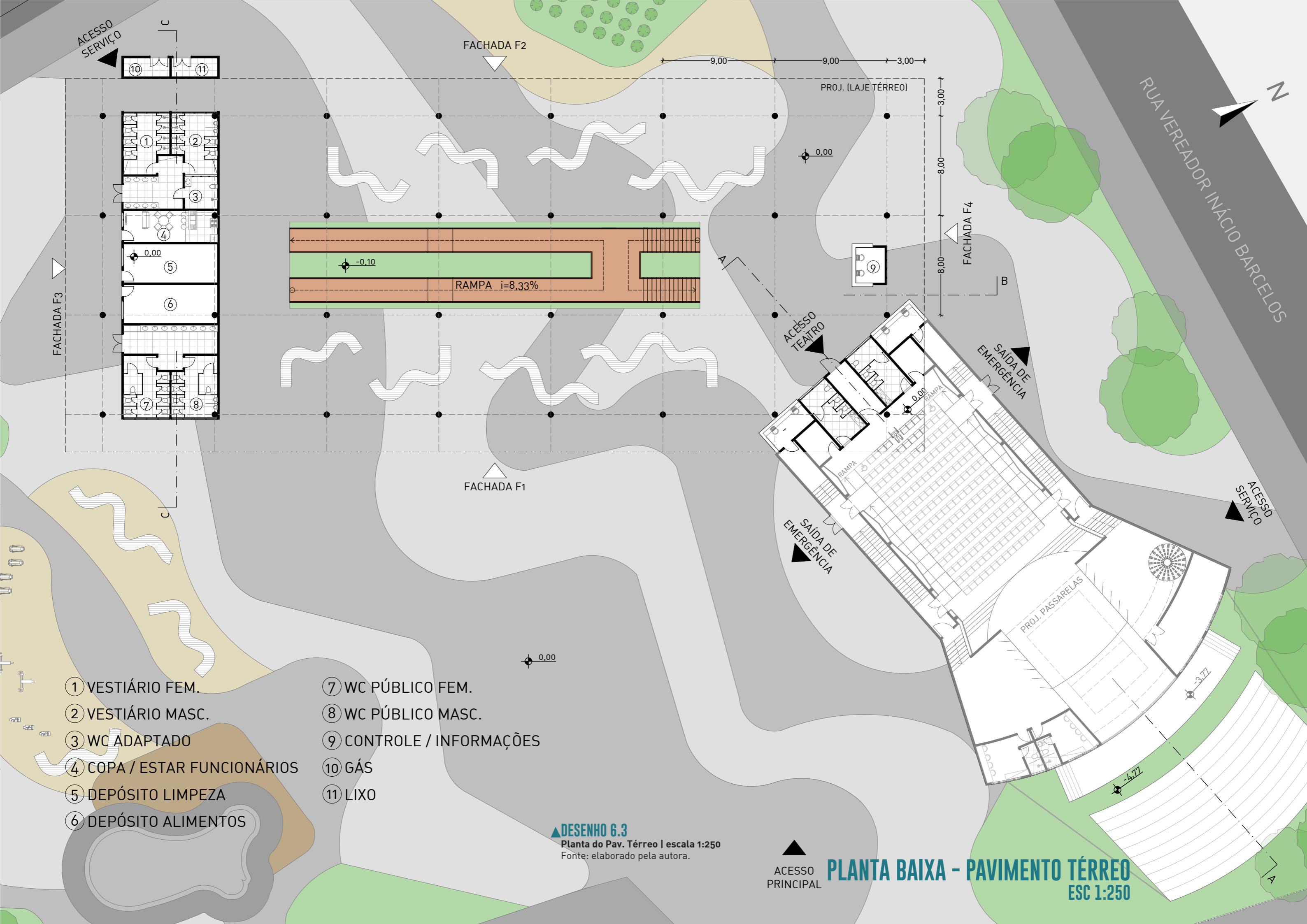
Fonte: elaborado pela autora.



PLANTA BAIXA - SUBSOLO
ESC 1:250



PLANTA BAIXA - PAVIMENTO TÉRREO
ESC 1:250



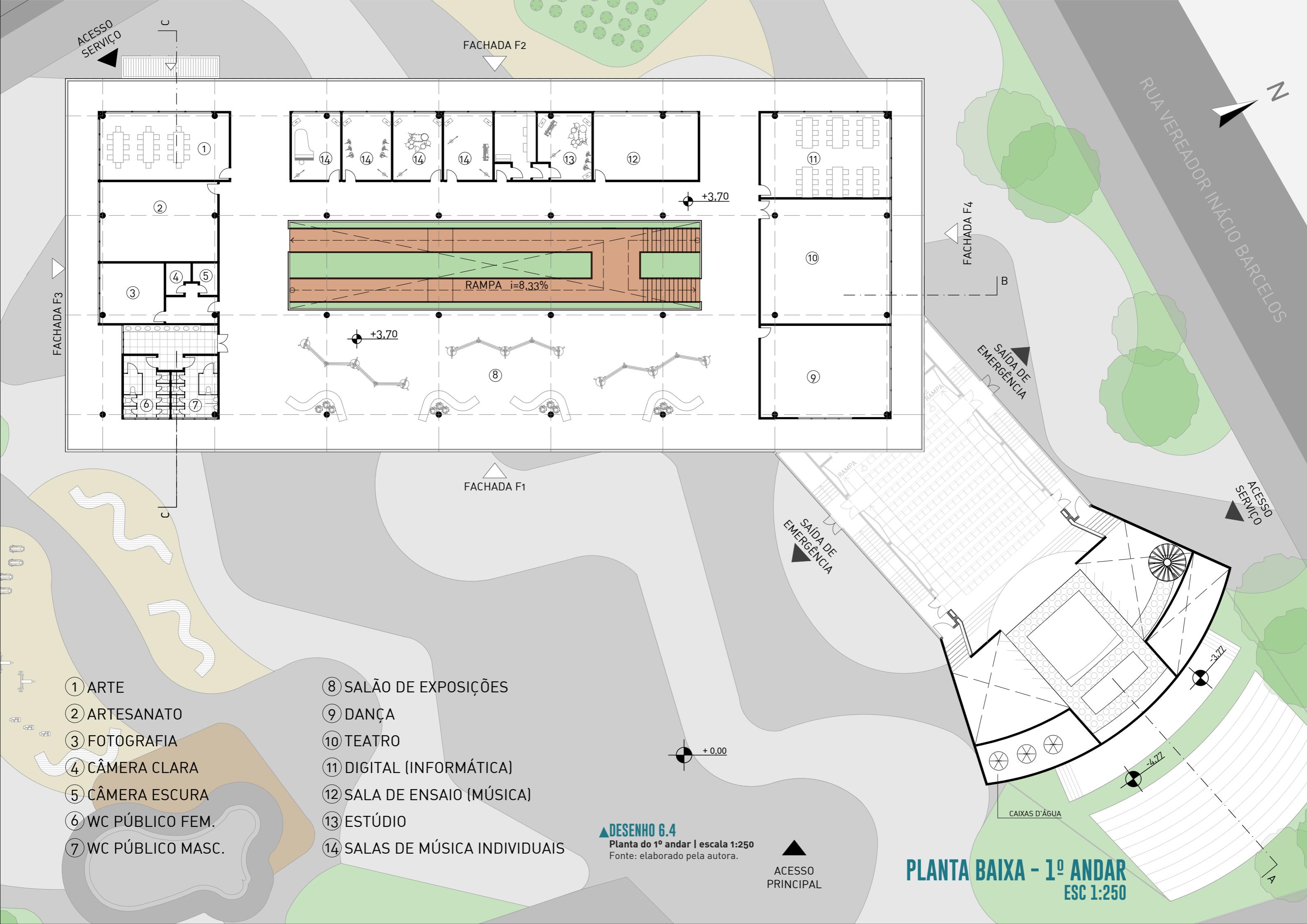
DESENHO 6.3
Planta do Pav. Térreo | escala 1:250
Fonte: elaborado pela autora.

ACESSO
PRINCIPAL

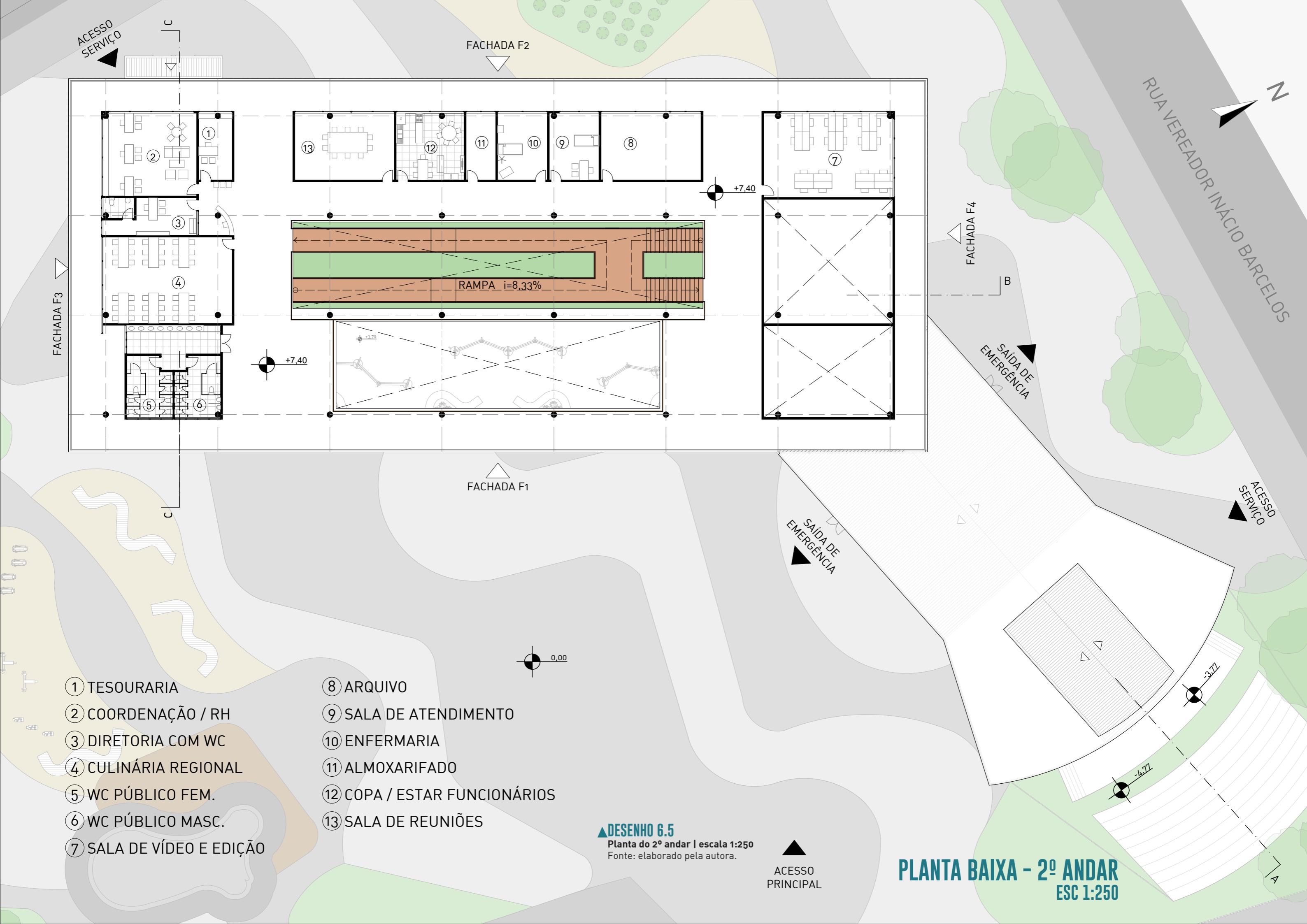
PLANTA BAIXA - PAVIMENTO TÉRREO

ESC 1:250

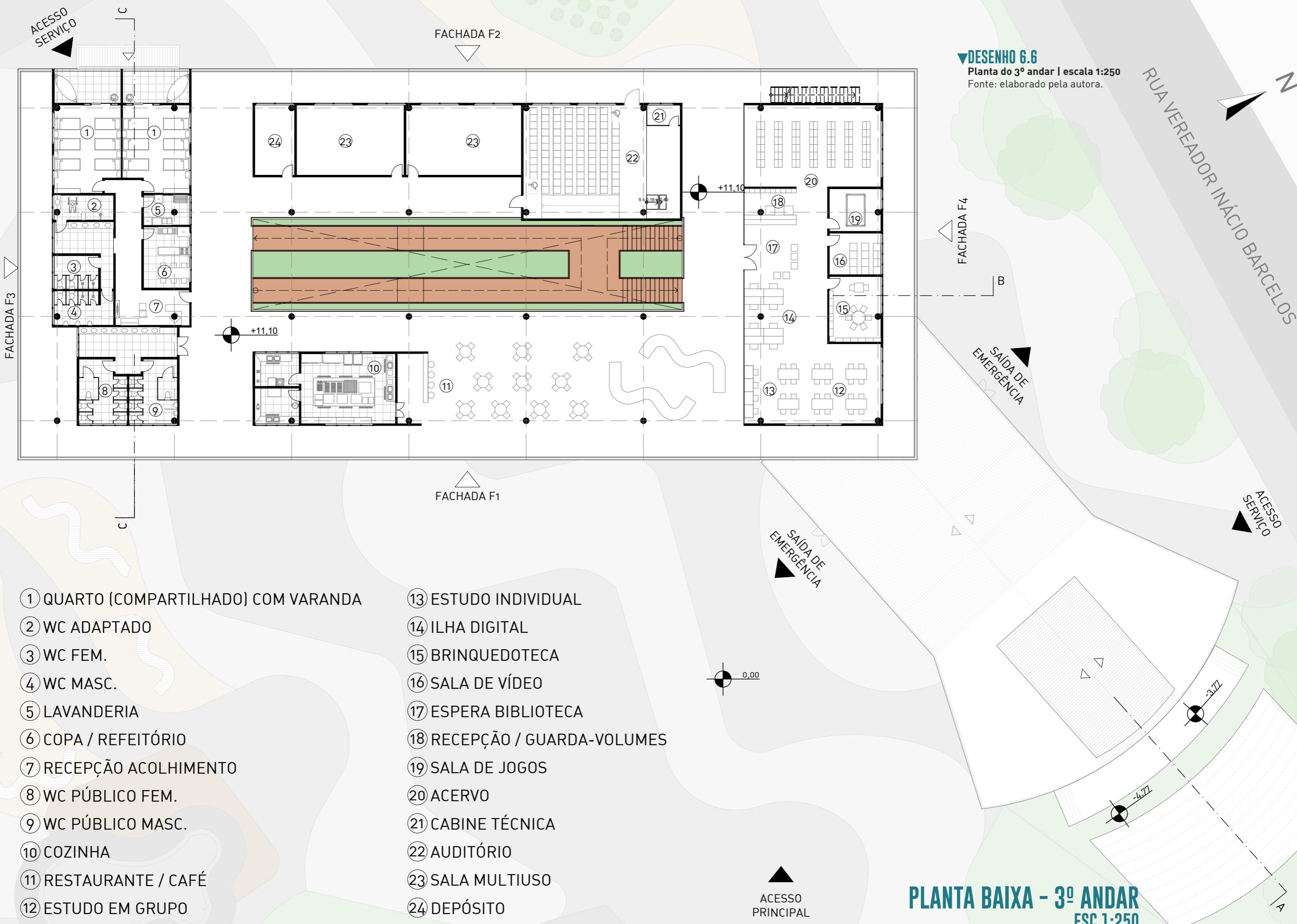
PLANTA BAIXA - 1º ANDAR
ESC 1:250



PLANTA BAIXA - 2º ANDAR
ESC 1:250

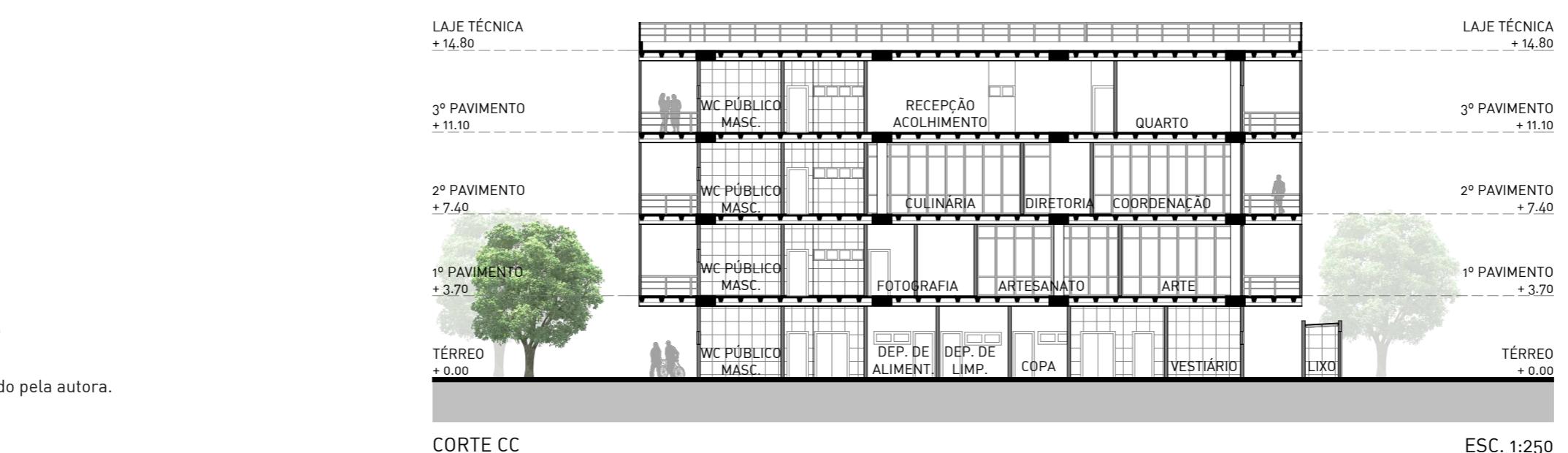
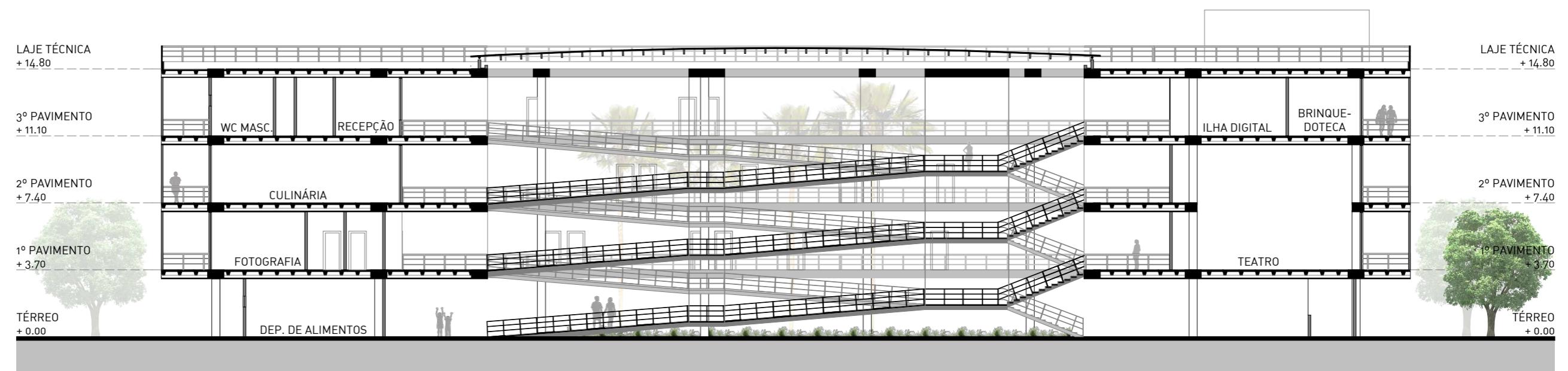
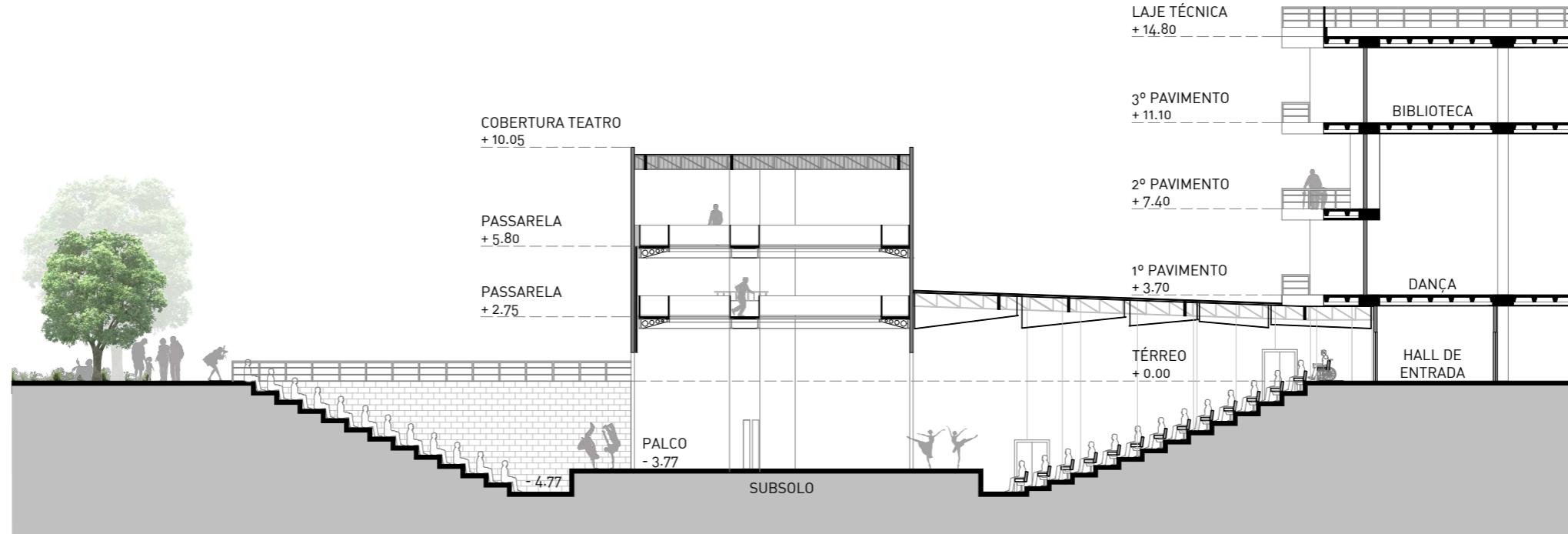


PLANTA BAIXA - 3º ANDAR
ESC 1:250



CORTES
ESC 1:250

CORTES



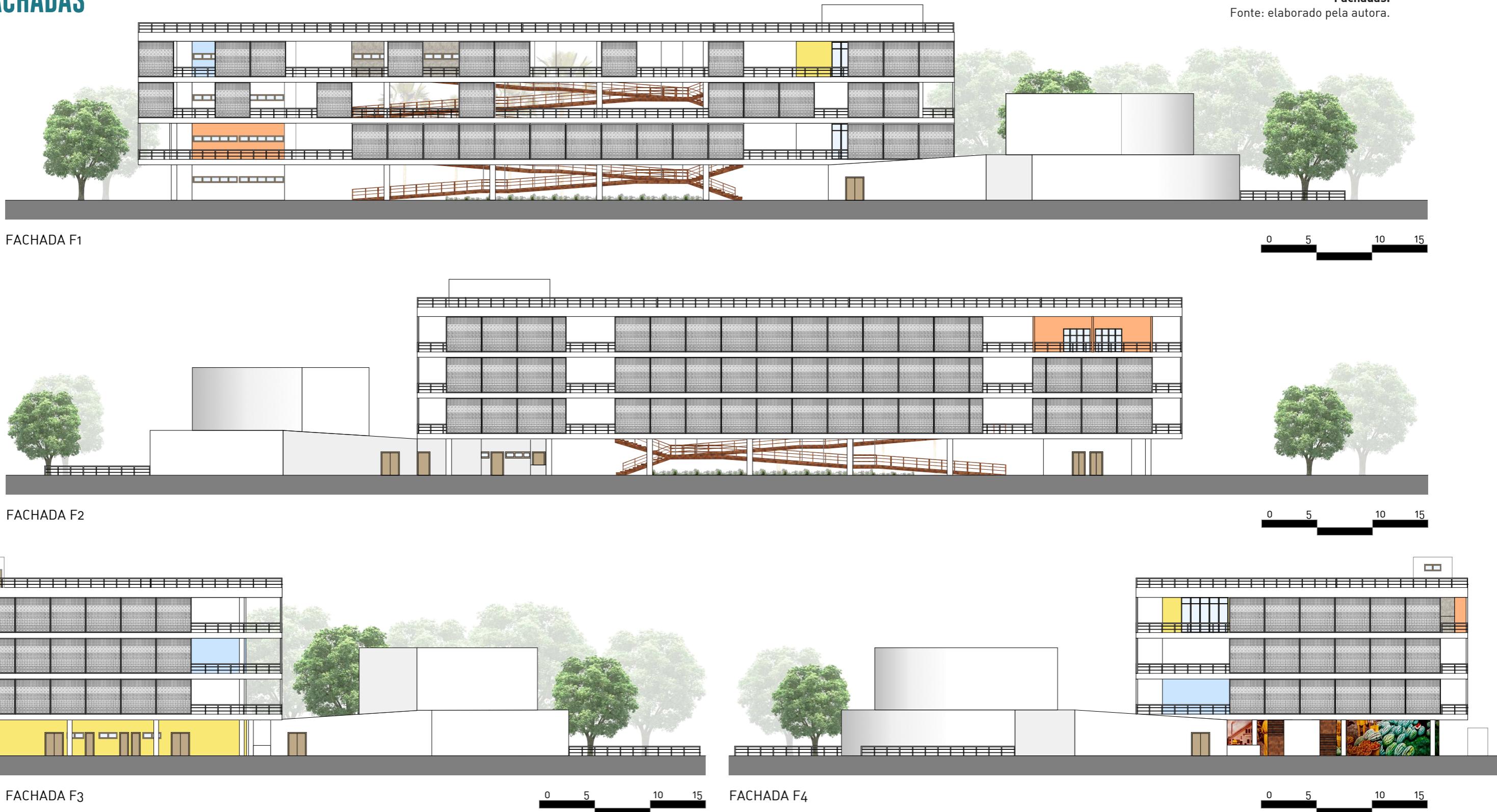
DESENHO 6.7

Cortes.

Fonte: elaborado pela autora.

FACHADAS
ESC 1:250

FACHADAS



LEGENDA:

	TEXTURA ACRÍLICA COR BRANCA		METAL PINTADO COR BRANCA (guarda-corpos)		CIMENTO QUEIMADO
	TEXTURA ACRÍLICA COR AMARELA		ALUMÍNIO BRONZE		PAINEL DE COBOGÓS
	TEXTURA ACRÍLICA COR LARANJA		VIDRO		PAINEL PINTADO
	TEXTURA ACRÍLICA COR AZUL		AÇO CORTEN		

PERSPECTIVAS





FIGURA 6.4▲
Térreo como continuação da praça.
Fonte: Imagem elaborada por Isabela Castro.





FIGURA 6.5▲
Perspectiva do Salão de Exposições.
Fonte: Imagem elaborada por Isabela Castro.





FIGURA 6.6▲
Circulações verticais.
Fonte: Imagem elaborada por Isabela Castro.





FIGURA 6.7▲
Vista sobre o salão de exposições.
Fonte: Imagem elaborada por Isabela Castro.





FIGURA 6.8 ▲
Biblioteca.
Fonte: Imagem elaborada por Isabela Castro.





FIGURA 6.9▲
Restaurante e Café.
Fonte: Imagem elaborada por Isabela Castro.





FIGURA 6.10▲
Cine-teatro-auditório.
Fonte: Imagem elaborada por Isabela Castro.





FIGURA 6.11▲
Vista geral do Complexo Cultural Macaboqueira
Fonte: Imagem elaborada por Isabela Castro.

D) SISTEMA CONSTRUTIVO E MATERIAIS

Para a estrutura, foi adotada uma modulação de 9.00 x 8.00 m que define os vãos da estrutura. A estrutura é composta de pilares, lajes nervuradas e vigas chatas armadas nas duas direções. Além disso, as vedações são independentes e em alvenaria simples (tijolo de 8 furos), o que confere maior flexibilidade ao edifício em relação à disposição das paredes e aos tamanhos dos ambientes. No cine-teatro-auditório, foram empregadas vigas metálicas treliçadas apoiadas em pilares, que sustentam a telha metálica da coberta.

A coberta do pavilhão é uma laje impermeável que abriga as caixas d'água, os exaustores de ar condicionado e placas solares, implantadas com o intuito de otimizar e economizar a energia usada no equipamento. Além disso, há uma coberta de policarbonato translúcido sobre o vão da circulação vertical que permite tanto a passagem de luz quanto de ventilação, deixando os pavimentos mais claros e arejados, evitando a utilização de iluminação artificial durante o dia e de condicionamento de ar.

Quanto aos materiais empregados, prezou-se pela simplicidade a fim de deixar os volumes mais leves, dando maior destaque aos elementos vazados das fachadas (cobogós). A cor predominante no projeto é o branco, que aparece na maioria das paredes, nas lajes, pilares, cobogós e guarda-corpos (metálicos pintados de branco). Algumas paredes foram pintadas com outras cores (azul, amarela e laranja) e a parede do bloco de serviços, no térreo, recebeu um mural com a pintura do artista granjense, Tarcísio Félix, intitulada “Feira Livre”.

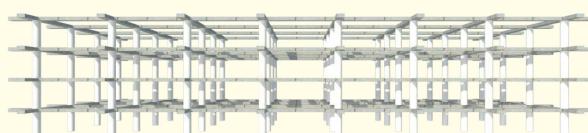
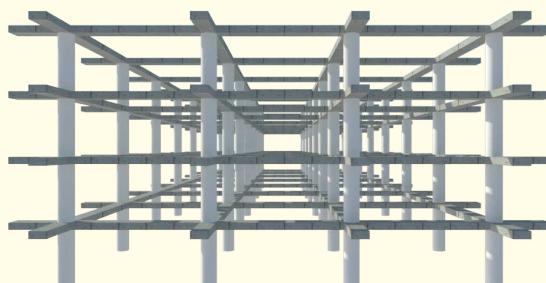
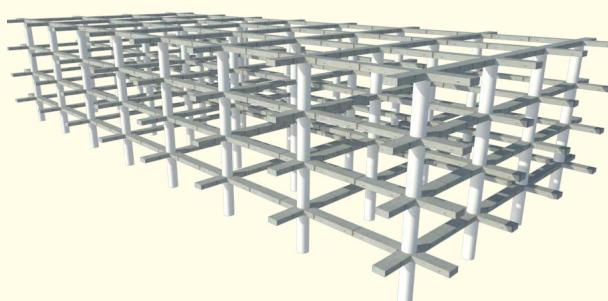


FIGURA 6.12▲

Esquema do sistema estrutural de pilares e vigas chatas nas duas direções com modulação de 9X8 M

Fonte: elaborado pela autora.



FIGURA 6.13▲

Quadro “Feira Livre” de Tarcísio Félix.

Fonte: http://static.somosvos.com.br.s3.amazonaws.com/uploads/2015/12/mora_tarcisiofelix_baixa-24.jpg



FIGURA 6.14▲

Painel artístico “Feira Livre” adaptado pela autora.

Fonte: elaborado pela autora.



FIGURA 6.15▲

Painel artístico no térreo do Complexo Cultural Macaboqueira.

Fonte: Imagem elaborada por Isabela Castro.

O piso de cimento queimado foi utilizado em toda a parte interna do pavilhão, exceto nas áreas molhadas. E para a parte externa, na praça, foram empregadas placas permeáveis drenantes de concreto poroso, com alto coeficiente de permeabilidade, capazes de absorver uma grande quantidade de água em pouco tempo, podendo reaproveitá-la para outros fins evitando inundações. Além disso, as placas possuem superfícies planas que garantem maior conforto aos transeuntes e cadeirantes. Pelo fato de Granja ser uma cidade que sofre muito com a seca, mas que também já passou por algumas enchentes, esse tipo piso se adequa perfeitamente à realidade do local, pois seria possível reaproveitar a água da chuva que seria absorvida, sem deixar acumular sobre a praça.

Outro material utilizado no projeto foi o aço corten nas circulações verticais do pavilhão. São rampas e escadas metálicas que compartilham os mesmos patamares e que estão sustentadas através da fixação no solo e por tirantes de aços presos nas vigas mais altas do pavilhão. Os corrimãos dessas

circulações também são do mesmo material.

Quanto às esquadrias, são de alumínio bronze e vidro, com variações nos tamanhos e nos tipos. As esquadrias que se abrem para fora do edifício vão do chão ao teto e são divididas em 3 partes: a superior é maxim-ar, a central é de correr e a inferior é fixa. São esquadrias que permitem a entrada de luz e ventilação, dispensando uso de energia elétrica durante o dia e até de ar condicionado.



FIGURA 6.16 ▲

Placas permeáveis drenantes de concreto poroso.

Fonte: <http://decoracaodeexteriordecasas.com/wp-content/gallery/piso-drenante/piso-drenante-7.jpg>



FIGURAS 6.17 / 6.18▲

Esquadrias de alumínio bronze e vidro com 3 partes: maxim-ar, correr e fixa.
Fonte: elaborado pela autora.

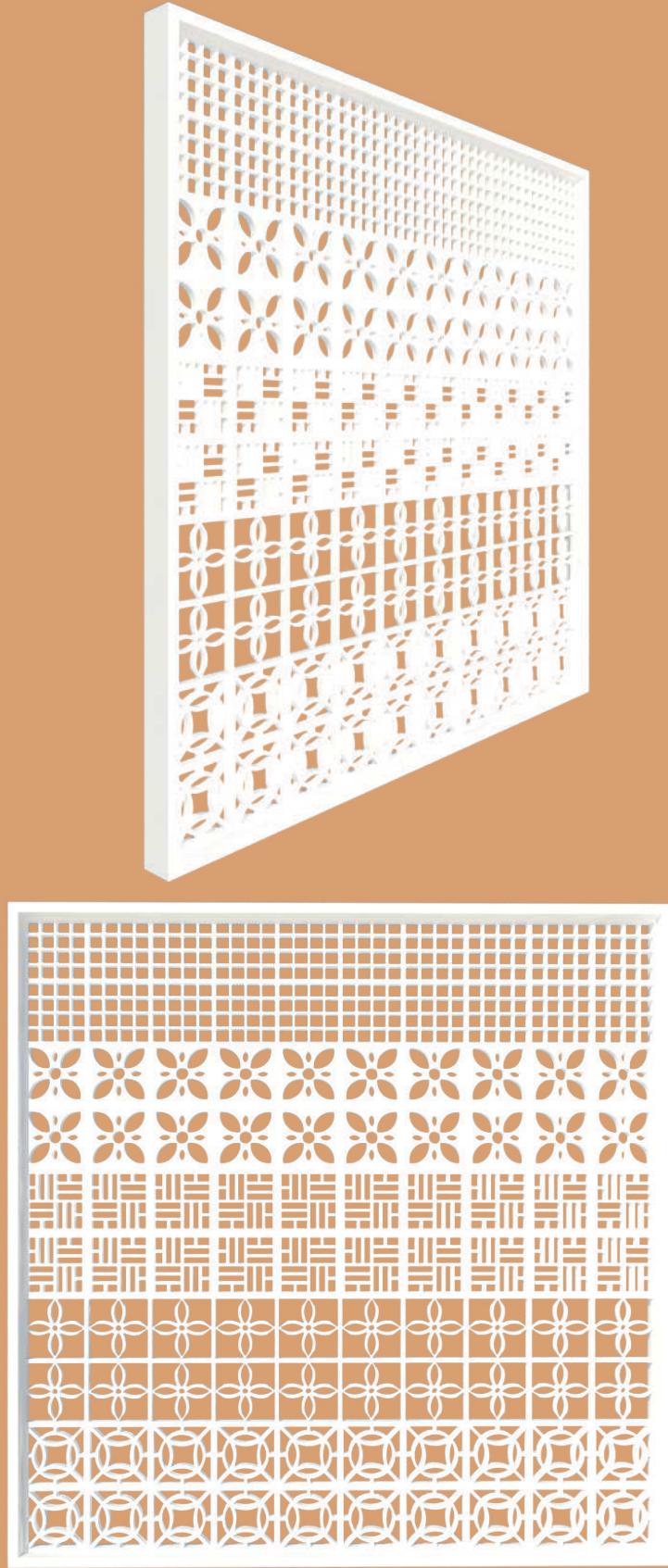
E) CONDICIONAMENTO AMBIENTAL

Desde os primeiros traços do partido, houve uma preocupação com a orientação das fachadas, visto que Granja é uma cidade com muita insolação e ventos razoáveis. Assim, optou-se por uma disposição dos blocos que favorecesse a ventilação, de forma que não ocupassem a praça por inteiro.

Para proteger as fachadas da forte incidência solar, foram utilizados painéis de cobogós brancos de formatos e dimensões bem comuns na cidade: blocos de 30x30 cm encaixados em uma moldura, formando o painel. Esses elementos têm, além da função estética (de fazer referência ao trabalho das rendeiras, pois os painéis lembram o desenho de uma renda), o objetivo de proteger as circulações (que funcionam de grandes varandas ao redor do prédio) e as esquadrias que estão voltadas para fora do prédio, pois são grandes e de alumínio e vidro.

Além disso, a coberta de policarbonato translúcido sobre o vão das circulações verticais permite a entrada de iluminação e ventilação natural, renovando o ar que circula no interior do pavilhão e possibilita também o crescimento da vegetação proposta para esse espaço: um jardim no térreo com carnaúbas, árvore símbolo de Granja. Já na praça, optou-se por intercalar jardins xeriscape com áreas gramadas, pois a grama consome muita água, não se adequando à realidade da cidade.

Em relação ao conforto acústico do cine-teatro-auditório, foram empregados painéis amadeirados absorventes nas paredes e espelhos acústicos no teto, criando descontinuidades que permitem que o som se difunda no ambiente. Além disso, a curva de visibilidade também foi calculada para garantir o conforto visual das pessoas que estiverem assistindo às apresentações.



FIGURAS 6.19 / 6.20▲

Painel de cobogó brancos.

Fonte: elaborado pela autora.



▲ FIGURA 7.1

Foto: Marden Sousa.

TÓPICO

07

CONSIDERAÇÕES FINAIS

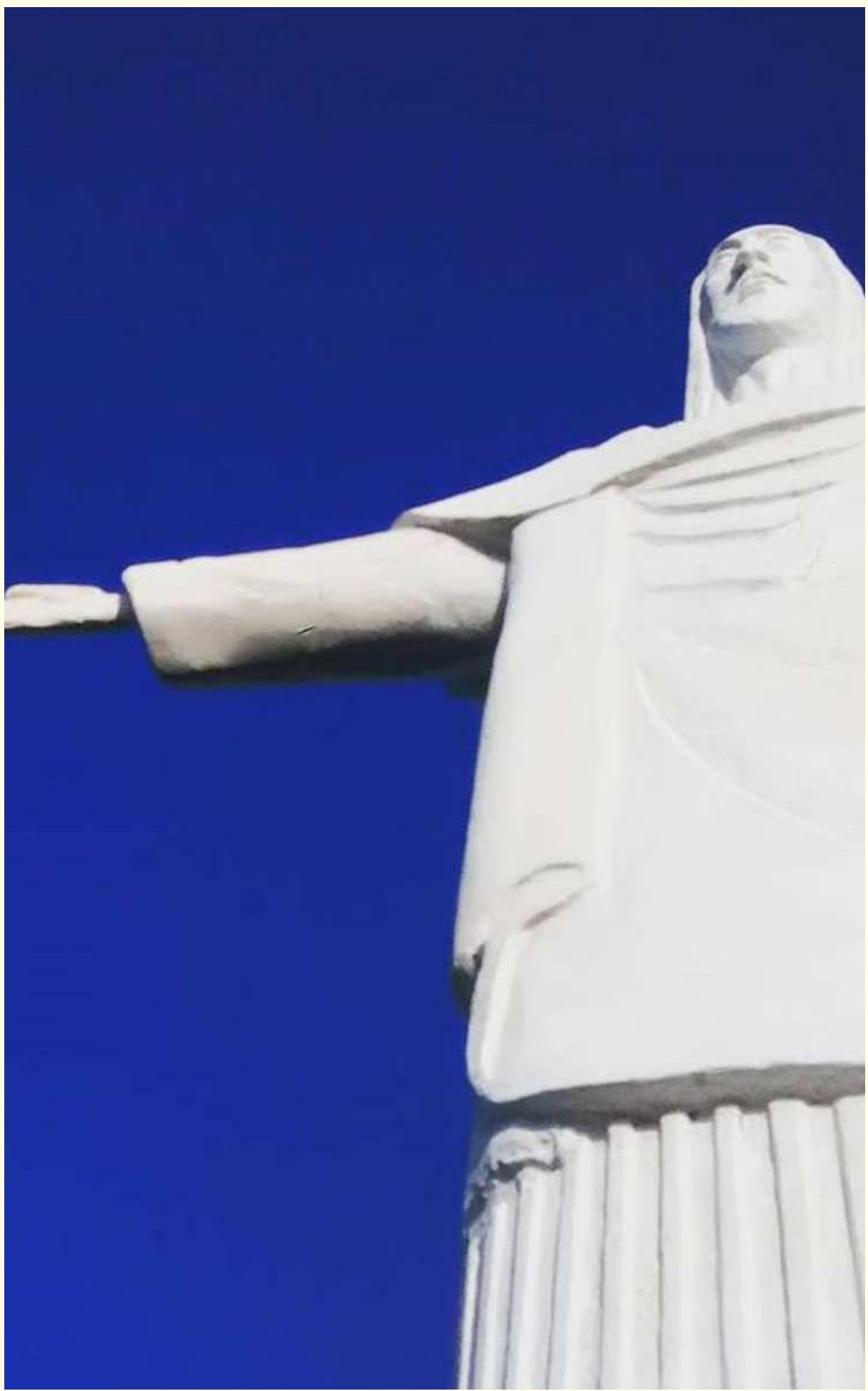
CONCLUSÃO

Toda cidade, independentemente de seu porte, possui sua história e suas características culturais. Sendo assim, numa cidade com tanta riqueza cultural, como Granja, é imprescindível a existência de algum equipamento que permita que o povo se sinta convededor e faça parte da cultura da cidade. Um equipamento que valorize as práticas, os artistas e as manifestações e que, assim, consiga reunir grande parte do acervo da cidade e incentivar cada vez mais a preservação histórica local.

Aliei minha ligação afetiva com a cidade e meu conhecimento por vivência a pesquisas acadêmicas e de campo e, assim, pude estudar uma possibilidade real que soluciona a necessidade que Granja tem atualmente. Através da pesquisa e de conversas com as pessoas que se preocupam com as questões culturais de Granja, pude reconhecer que a falta de um equipamento assim é prejudicial para o povo e para a cidade. Houve casos em que Granja deixou de receber cursos ou workshops de outros lugares simplesmente por não ter uma estrutura, um espaço adequado e organizado para esses fins.

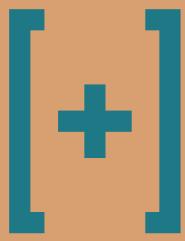
Assim, o projeto do Complexo Cultural Macaboqueira busca suprir as faltas existentes através de um programa de necessidades bastante abrangente e diverso, constituindo um edifício cheio de multiplicidades.

Ao longo desse trabalho, procurei deixar bem claros os meus objetivos e os motivos que suscitaram esse tema, justamente, para que se instigue uma reflexão acerca do problema e, a partir disso, possa se pensar no desenvolvimento e na concretização de um equipamento dessa natureza na cidade de Granja.



▲ FIGURA 8.1

Foto: Marden Sousa.



APÊNDICE

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBALHO, Alexandre. A modernização da cultura: políticas para o audiovisual nos governos Tasso Jereissati e Ciro Gomes. Fortaleza: UFC. 2005.

CADERNOS BRASILEIROS DE ARQUITETURA. Panorama da Arquitetura Cearense. São Paulo: Projeto Editores Associados LTDA. 1982. Volume 10.

COELHO, Teixeira. O que é Ação Cultural. São Paulo: Brasiliense, 1989. 94p. Coleção Primeiros Passos, 216.

LEITÃO Cláudia. Cultura e Municipalização. Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon. 2009.

LITTLEFIELD, David. Manual do Arquiteto: planejamento, dimensionamento e projeto. 3^a Edição. Porto Alegre: Bookman. 2011.

MACINTYRE, Archibald Joseph. Manual de Instalações Hidráulicas e Sanitárias. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1990.

MILANESI, Luis. A casa da invenção. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial. 1997.

OLIVEIRA André Frota de. A estrada de ferro de Sobral. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora LTDA. 1994.

OLIVEIRA André Frota de. A Fortificação Holandesa do Camocim. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora LTDA. 1995.

Panorama da economia criativa no brasil: Texto para discussão. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Brasília: Rio de Janeiro: Ipea. 1990.

Plano Diretor Participativo de Granja. Prefeitura Municipal de Granja. Sanebrás Projetos Construções e Consultoria Ltda. 2009

RAMOS, Luciene Borges. Centro Cultural: Território privilegiado da ação cultural e informacional na sociedade contemporânea. Artigo apresentado no Terceiro Encontro

de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador. 2007.

SANTOS, José Luiz dos. O que é Cultura. São Paulo: Nova Cultural Brasiliense, 1986. Coleção Primeiros Passos.

SANTOS, Milton. Por uma outra Globalização: do Pensamento Único à Consciência Universal. RJ, SP: Ed. Record. 2000.

VAINER, André; FERRAZ, Marcelo. Cidadela da Liberdade: Lina Bo Bardi e o Sesc Pompeia. São Paulo: Edições SESC. 2013.

XIMENES, José Haroldo Silva. Origem e evolução histórica de Granja. Fortaleza: Ind. Gráfica do Nordeste LTDA. 1996.

PUBLICAÇÕES DA INTERNET E SITES

GUIMARAENS, Cêça. A importância dos museus e centros culturais na recuperação de centros urbanos. Vitruvius. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/881>

SACCHETTO Caroline. O papel da cultura local no projeto tecnológico: Centro Cultural Jean-Marie Tjibaou – Renzo Piano. Vitruvius. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.128/3568>

<http://www.brasil.gov.br/cultura/>

<http://www.secult.ce.gov.br/>

<http://www.sebrae.com.br/>

<http://artgran.blogspot.com.br/>

LISTA DE DESENHOS

DESENHO 6.1

Planta de implantação | escala 1:500
Fonte: elaborado pela autora.

DESENHO 6.2

Planta do Subsolo | escala 1:250
Fonte: elaborado pela autora.
DESENHO 6.3

Planta do Pav. Térreo | escala 1:250
Fonte: elaborado pela autora.
DESENHO 6.4

Planta do 1º andar | escala 1:250
Fonte: elaborado pela autora.
DESENHO 6.5

Planta do 2º andar | escala 1:250
Fonte: elaborado pela autora.
DESENHO 6.6

Planta do 3º andar | escala 1:250
Fonte: elaborado pela autora

DESENHO 6.7
Cortes.
Fonte: elaborado pela autora.

DESENHO 6.8
Fachadas.
Fonte: elaborado pela autora.

FIGURA 3.6

Antiga Câmara e Cadeia Fonte: acervo da autora

FIGURA 3.7

Igreja Matriz São José
Fonte: acervo da autora

FIGURAS 3.8 / 3.9 / 3.10

Cantinho de leitura durante Feira Literária Granjense
Fonte: acervo da autora
Workshop sobre “Mercado musical na cidade de Sobral” na Artgran
Fonte: acervo da autora
Casa das Artes Fonte: blog Artgran

FIGURAS 3.11 / 3.12

Biblioteca Comunitária Fonte: blog Artgran

FIGURA 3.13

Bumba-meu-boi de crianças em apresentação na rua
Fonte: Lira Dutra

FIGURA 3.14

Grupo de Reisado Fonte: blog Artgran

FIGURA 3.15

Grupo de capoeira “Cadêncio” em apresentação na Escola E.F. Dr. José Glauberton
Fonte: Lira Dutra

FIGURAS 3.16 / 3.17

Grupo de Marujada Fonte: Lira Dutra
Dança do Leruá Fonte: Lira Dutra

FIGURAS 3.18 / 3.19

Instituto José Xavier Fonte: acervo da autora Visitação no Instituto José Xavier Fonte: Lira Dutra

FIGURA 3.20

Biblioteca Municipal Fonte: acervo da autora

FIGURA 3.21

Biblioteca Comunitária Luz da Sabedoria Fonte: blog Artgran

FIGURA 3.22

Ponto de Cultura (Casa do Alto) Fonte: acervo da autora

FIGURA 3.23

Escola de Música Primeiros Acordes Fonte: Escola de Música Primeiros Acordes

FIGURA 3.24

Camboieiro de palha no carnaubal em Granja Fonte: Lira Dutra

FIGURA 3.25

Artesão tecendo rede de pesca, comunidade Boca do Acre (São Pedro) Fonte: Lira Dutra

FIGURA 3.26

Artesã tecendo tucum com linho da palha da carnaúba em Granja Fonte: Lira Dutra

FIGURA 3.27

Raspadeiras de mandioca em Granja Fonte: Lira Dutra

FIGURA 3.28

Festival da Escola de Música Primeiros Acordes Fonte: Lira Dutra

Figura 4.1

Fonte: Marden Sousa

FIGURA 4.2

ECOA – Instituto Escola de Cultura, Comunicação, Ofícios e Artes Fonte: http://cultura.sobral.ce.gov.br/files/space/5/01_ecoa1.jpg

FIGURAS 4.3 / 4.4 / 4.5

Apresentação de peças teatrais
Fonte:<https://www.flickr.com/photos/137920192@N02/24352429120/in/album-72157663310136399/>

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.1

Foto: Marden Sousa.

FIGURA 2.1

Foto: Marden Sousa.

FIGURAS 2.2 / 2.3 / 2.4

Centre National d’Arte et de Culture Georges-Pompidou, Paris
Fonte: <http://museums.wanderbat.com/l/720/Cen-tre-Pompidou>
Centro Cultural Jabaquara, São Paulo
Fonte: <http://www.shieh.com.br/CENTRO-CULTU-RAL-JABAQUARA>
Centro Cultural São Paulo, São Paulo
Fonte: <http://artflorir.com.br/telhado-verde-no-cen-tro-cultural-sao-paulo/>

FIGURAS 2.5 / 2.6 / 2.7 / 2.8

Centro Cultural Correios, Rio de Janeiro
Fonte: site dos Correios
Centro Cultural Banco do Nordeste, Fortaleza, Ceará
Fonte: site do Banco do Nordeste
Centro Cultural FIESP, São Paulo
Fonte: site do CIESP Centro Cultural Light, Rio de Janeiro
Fonte: site do Centro Cultural Light

FIGURA 3.1

Foto: Marden Sousa.

FIGURA 3.2

Ponte Metálica sobre o Rio Coreaú
Fonte: acervo da autora

FIGURA 3.3

Igreja de Santo Antônio
Fonte: acervo da autora

FIGURA 3.4

Casarão dos Gouveia
Fonte: acervo da autora

FIGURA 3.5

Cristo
Fonte: acervo da autora

Exposições

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/137920192@N02/24020702253/in/album-72157663309345299/>
 Oficina de bordado
 Fonte: <https://www.flickr.com/photos/137920192@N02/25383659326/in/album-72157665116789052/>

FIGURA 4.6

Museu Cais do Sertão Luiz Gonzaga Fonte: <http://www.galeriadaarquitetura.com.br/img/projeto/SF1/175/cais-do-sertao-luiz-gonzaga4315.jpg>

FIGURAS 4.7 / 4.8 / 4.9

Fachada marcada pela transparência dos cobogós e térreo livre

Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/d6/0a/52/d60a5227aa9999e511f-3c25e6dc260d9.jpg>

Cobogós

Fonte: <http://i654.photobucket.com/albums/uu265/wda-niel/138-08.jpg>

Salão de exposições

Fonte: http://www.janelasabertas.com/wp-content/uploads/2014/06/IMG_1194.jpg

FIGURA 4.10

Vista interna mostrando a flexibilidade do palco (para o interior e para o exterior) http://d3nvijy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2012/02/Nelson-Kon_Porta-retratil.jpg

FIGURAS 4.11 / 4.12 / 4.13

Porta do fundo: palco abrindo-se para a área externa

Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/c2/ba/33/c2ba33cdf17e84a1b4625b-fab31d5614.jpg>

Porta do fundo metálica pintada de vermelho

Fonte: <http://static.panoramio.com/photos/original/11642232.jpg>

Corte mostrando a flexibilidade do palco

Fonte: https://c1.staticflickr.com/7/6014/5938517452_bf7154a9d7.jpg

FIGURA 4.14

Integração do edifício com o entorno Fonte: [http://images.adsttc.com/media/images/529f/dba5/e8e4/4ec0/e600/006f/large.jpg/_200207-RIO_201305_\[c\]Nelson_KON_1362.jpg?1386208118](http://images.adsttc.com/media/images/529f/dba5/e8e4/4ec0/e600/006f/large.jpg/_200207-RIO_201305_[c]Nelson_KON_1362.jpg?1386208118)

FIGURAS 4.15 / 4.16 / 4.17

Vista interna do teatro

Fonte: [http://images.adsttc.com/media/images/529f/df17/e8e4/4ebb/0d00/0079/slideshow/_200207-RIO_201305_\[c\]Nelson_KON_1665.jpg?1386209003](http://images.adsttc.com/media/images/529f/df17/e8e4/4ebb/0d00/0079/slideshow/_200207-RIO_201305_[c]Nelson_KON_1665.jpg?1386209003)

Sala de dança com vista para o exterior

Fonte: https://arcowebarquivos-us.s3.amazonaws.com/ima-gens/84/71/arq_38471.jpg

Fachada com elementos vazados

Fonte: [http://images.adsttc.com/media/images/529f/e055/e8e4/4ebb/0d00/007c/slideshow/_200207-RIO_201305_\[c\]Nelson_KON_1873.jpg?1386209314](http://images.adsttc.com/media/images/529f/e055/e8e4/4ebb/0d00/007c/slideshow/_200207-RIO_201305_[c]Nelson_KON_1873.jpg?1386209314)

FIGURA 4.18

Vista mostrando a integração do edifício à praça Fonte: http://www.shl.dk/wp-content/uploads/2016/02/SHL_Architects_Christchurch-Central-Library_Cathe-dral-square-view-1170x819.jpg

FIGURAS 4.19 / 4.20 / 4.21

Vista mostrando a integração do edifício à praça
 Fonte: http://www.shl.dk/wp-content/uploads/2016/02/SHL_Architects_Christchurch--Central-Library_From-Cathe-dral-Daytime-1170x819.jpg

Vista mostrando a integração do edifício à praça
 Fonte: http://www.shl.dk/wp-content/uploads/2016/02/SHL_Architects_Christchurch--Central-Library_Corner-of-GI-S-t-and-Colombo-St-1170x819.jpg

Edifício de forma pavilhão e térreo livre - aumento da conexão visual entre a praça e a biblioteca

Fonte: http://www.shl.dk/wp-content/uploads/2016/02/SHL_Archi-tects_Christchurch-Central-Li-brary_concept-1-1170x794.jpg

FIGURA 5.1

Foto: Marden Sousa.

FIGURA 5.2

Esquina da Rua Dois de Novembro com Rua Vereador Inácio Barcelos Fonte: acervo da autora

FIGURA 5.3

Rua Dois de Novembro Fonte: acervo da autora

FIGURA 5.4

Rua Vereador Inácio Barcelos Fonte: acervo da autora

FIGURA 5.5

Rua Vereador Inácio Barcelos Fonte: acervo da autora

FIGURA 5.6

Rua sem nome que limita o terreno Fonte: acervo da autora

FIGURA 5.7

UPA (Unidade de Pronto Atendimento) e Hospital Municipal mais ao fundo Fonte: acervo da autora

FIGURA 6.1

Foto: Marden Sousa.

FIGURA 6.2

Croquis

Fonte: elaborado pela autora.

FIGURA 6.3

Relações Funcionais

Fonte: elaborado pela autora

FIGURA 6.4

Térreo como continuação da praça.

Fonte: Imagem elaborada por Isabela Castro.

FIGURA 6.5

Perspectiva do Salão de Exposições.

Fonte: Imagem elaborada por Isabela Castro.

FIGURA 6.6

Circulações verticais.

Fonte: Imagem elaborada por Isabela Castro.

FIGURA 6.7

Vista sobre o salão de exposições.

Fonte: Imagem elaborada por Isabela Castro.

FIGURA 6.8

Biblioteca.

Fonte: Imagem elaborada por Isabela Castro.

FIGURA 6.9

Restaurante e Café.

Fonte: Imagem elaborada por Isabela Castro.

FIGURA 6.10

Cine-teatro-auditório.

Fonte: Imagem elaborada por Isabela Castro.

FIGURA 6.11

Vista geral do Complexo Cultural Macaboqueira

Fonte: Imagem elaborada por Isabela Castro.

FIGURA 6.12

ESQUEMA DO SISTEMA ESTRUTURAL DE PILARES E VIGAS CHATAS ARMADAS NAS DUAS DIREÇÕES COM MODULAÇÃO DE 9X8 M

Fonte: elaborado pela autora.

FIGURA 6.13

Quadro "Feira Livre" de Tarcísio Félix. Fonte: http://static.somosvos.com.br.s3.amazonaws.com/uploads/2015/12/mora_tarcisiofelix_baixa-24.jpg

FIGURA 6.14

Painel artístico "Feira Livre" adaptado pela autora. Fonte: elaborado pela autora.

FIGURA 6.15

Painel artístico no térreo do Complexo Cultural Macaboqueira. Fonte: Imagem elaborada por Isabela Castro.

FIGURA 6.16

Placas permeáveis drenantes de concreto poroso.

Fonte: <http://decoracaodeexteriordecasas.com/wp-content/gallery/piso-drenante/piso-drenante-7.jpg>

FIGURAS 6.17/6.18

Esquadrias de alumínio bronze e vidro com 3 partes: maximar, correr e fixa.

Fonte: elaborado pela autora.

FIGURAS 6.19/6.20

Painel de cobogó brancos.

Fonte: elaborado pela autora.

FIGURA 7.1

Foto: Marden Sousa.

FIGURA 8.1

Foto: Marden Sousa.

LISTA DE MAPAS

MAPA 3.1

Localização geográfica de Granja – municípios cearenses limitrofes e Fortaleza

Fonte: <http://www.mapasparacolorir.com.br/mapa/estado/ce/estado-ceara-municípios.jpg> (adaptado pela autora)

MAPA 3.2

Distritos do município de Granja

Fonte: <http://www.granja.ce.gov.br/mapa/mapa2.php>
(adaptado pela autora)

MAPA 3.3

Mapa de Granja - Equipamentos culturais existentes e Complexo Cultural Macaboqueira

Fonte: Google Earth adaptado pela autora

MAPA 5.1

Localização do terreno

Fonte: Google Earth adaptado pela autora

MAPA 5.2

Usos do entorno

Fonte: Google Earth adaptado pela autora

MAPA 5.3

Zoneamento básico e sistema viário básico de Granja

Fonte: Plano Diretor Participativo de Granja

MAPA 5.4

Sistema Viário Básico De Granja

Fonte: Plano Diretor Participativo De Granja

MAPA 5.5

Sistema viário básico de Granja ampliado mostrando área escolhida

Fonte: Google Earth adaptado pela autora

LISTA DE TABELAS

TABELA 5.1

INDICADORES URBANOS POR TIPO DE USO – ÁREAS RESIDENCIAIS

TABELA 6.1

PROGRAMA DE NECESSIDADES

RENAN MARINHO

DIAGRAMAÇÃO + RENDERING

@ renanmarinho@hotmail.com

f /marinhorenan